




SABIÁ

A Experiência com
Comercialização Agroecológica



Presidência da República

Presidente: Luiz Inácio Lula da Silva

Vice-presidente: José Alencar Gomes da Silva

Ministério do Meio Ambiente

Ministra: Marina Silva

Secretaria de Coordenação da Amazônia

Secretária: Muriel Saragoussi

Secretaria de Políticas para o Desenvolvimento Sustentável

Secretário: Gilney Viana

Departamento de Agroextrativismo e Desenvolvimento Sustentável

Diretor: Jorg Zimmermann

Programa Piloto para Proteção das Florestas Tropicais

Coordenadora: Nazaré Soares

Catálogo na Fonte

Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis

S116 Sabiá — a experiência com comercialização agroecológica

SDS/PDA/PPG7 — Brasília: MMA, 2006.

68 p. : il. color. ; 28cm. (Série Sistematização, VI)

ISBN 85-7738-032-7

I. Agroecologia. 2. Agricultura sustentável. I. Ministério do Meio Ambiente.
II. Secretaria de Desenvolvimento Sustentado — SDS. III. Subprograma Projetos
Demonstrativos — PDA. IV. Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. V. Título.
VI. Série.

CDU (2.ed.)631:502



EXPEDIENTE

Subprograma Projetos Demonstrativos - PDA

Secretário Técnico: Jorg Zimmermann.

Secretária Técnica Adjunta: Anna Cecília Cortines.

Equipe Técnica: Demóstenes Moraes, Elmar Andrade de Castro, Isis Lustosa, Klinton Senra, Maurício Barbosa Muniz, Odair Scatolini, Rodrigo Noletto, Silvana Bastos e Zará Brum. Estagiárias Rafaela Silva de Carvalho e Yandra Fontes Bastos.

Equipe Financeira: Cláudia Alves e Nilson Nogueira.

Equipe Administrativa: Eduardo Ganzer, Francisca Kalidaza, Mariza Gontijo Esteves e Neide Castro.

Cooperação Técnica Alemã - GTZ:

Margot Gaebler e Monika Grossmann.

Cooperação Financeira:

República Federal da Alemanha - KfW, União Europeia - CEC, Rain Forest Trust Fund - RFT, Fundo Francês para o Meio Ambiente Mundial - FFEM.

Cooperação Técnica:

Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento - PNUD, Projeto BRA/03/009. Agência Alemã de Cooperação Técnica, Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ).

Agente Financeiro:

Banco do Brasil

Sabiá

Diretoria

Diretor-presidente: Jones Severino Pereira

Diretor vice-presidente: Domingos Sávio

Diretora-secretária: Sandra Rejane

Coordenação

Coordenador geral: José Aldo dos Santos

Coordenador técnico: Alexandre Henrique Pires

Coordenadora administrativa: Verônica Batista

Equipe de sistematização da Sabiá:

Joseilton Souza, Daniela Nart, Adeildo Fernandes e Alexandre Henrique Pires.

Colaboradores:

Associação e filiadas

Equipe de sistematização do MMA:

Anna Cecília Cortines, Célia Chaves, Gilberto Nagata, Mara Vanessa F. Dutra (PDA); Denise Lima (GTZ/PDA); Alice Guimarães (AMA/Programa Piloto)

Elaboração do texto:

Joseilton Souza, Daniela Nart, Adeildo Fernandes e Alexandre Henrique Pires

Edição do texto:

Denise Lima

Consultoras: Elza Falkembach (Universidade de Ijuí), Ladjane Ramos e Maristela Bernardo.

Revisão ortográfica e gramatical:

Sandra Regina de Sena

Projeto Gráfico e Capa:

Masanori Ohashy
(Idade da Pedra Produções Gráficas)

Fotos:

Denise Lima, Michele Souza e acervo Sabiá

Esta publicação foi realizada com a colaboração da Cooperação Técnica Alemã - GTZ

Apresentação

Apresentamos, por meio desta série, algumas histórias que falam de saberes, de vidas, de gente construindo formas mais sustentáveis de convivência com o meio ambiente. Essas histórias contam com o apoio do Subprograma Projetos Demonstrativos (PDA), parte do Programa Piloto para a Proteção das Florestas Tropicais do Brasil, do Ministério do Meio Ambiente.

Ao longo de seus dez anos de vida, o PDA apoiou e apóia cerca de 320 projetos na Amazônia e na Mata Atlântica. A história do PDA — as histórias dos projetos apoiados pelo Subprograma — tem demonstrado que há um acúmulo de conhecimento sendo gerado pelas comunidades e organizações de produtores familiares, criando e testando novas tecnologias e sistemas de produção sustentável. Há um saudável diálogo entre conhecimento tradicional e novas informações, apontando perspectivas viáveis que, em alguns casos, já saem do limite do “demonstrativo” e passam a fazer parte de políticas públicas locais e regionais. Importante lembrar que, o que para o poder público é valorizado por seu potencial demonstrativo, para os produtores e comunidades envolvidos é a vida real — sua vida, sua sobrevivência.

As histórias desta série são narradas pelos próprios grupos envolvidos nos projetos apoiados pelo PDA. As narrativas são resultado de um processo de sistematização de experiências, cujo desafio maior é aprender com as práticas, fazendo, destas, objeto de conhecimento. Em um projeto piloto realizado entre julho de 2003 e março de 2004, onze iniciativas apoiadas pelo PDA sistematizaram alguns aspectos de suas práticas. O resultado são onze histórias reais, contadas por muitas vozes, tecendo narrativas cheias de vida, reflexão, descobertas, aprendizados.

Cada grupo ou comunidade contou sua história de seu jeito. Para isso, criou momentos e instrumentos, experimentou metodologias, fez caminho ao andar. Os textos da série revelam essa experimentação metodológica, mantendo as estruturas e narrativas criadas por cada grupo envolvido. Como na vida, os textos das sistematizações não seguem um único roteiro, mas inventam seus próprios mapas narrativos.

O PDA com alegria apresenta essas histórias de saberes, de gentes, de vidas, com o desejo de estar contribuindo para demonstrar caminhos possíveis para políticas públicas mais adequadas à produção familiar, às comunidades tradicionais e ao meio ambiente.

Jorg Zimmermann

Secretário Técnico PDA

Brasília, outubro de 2006



Sumário

Introdução	6
Centro Sabiá	8
■ Agricultura Agroflorestal	9
Inserção da Comercialização nas Estratégias do Centro Sabiá	10
■ Primeiras experiências de comercialização: O que vamos fazer com esses produtos diferentes?	12
Espaço Agroecológico do Bairro das Graças - Recife	14
■ A Participação dos Consumidores	20
■ A Definição do Nome e da Marca “Espaço Agroecológico”	22
■ Regimento Interno	24
■ Capacitação dos participantes do Espaço Agroecológico	26
■ Agricultores e Agricultoras Coordenam o Espaço Agroecológico	29
■ A experiência de Lourdes Negromonte, Agricultora Agroflorestal da comunidade de Santa Cruz, Município de Bom Jardim, Pernambuco.	30





Feira Agroecológica De Serra Talhada 32

■ Conquistas 36

■ A experiência de Ivonete Lídia,
Comunidade Baixa das Flores -
Município de Santa Cruz da Baixa Verde, Pernambuco 37

Espaço Agroecológico de Boa Viagem,
Recife, Pernambuco 38

■ Conquistas e dificuldades 42

■ Participação das Famílias na
Agricultura e no Processo de Comercialização 43

■ Experiência de Paulo Sebastião (Paciência),
Agricultor Agroflorestal do Assentamento Serrinha,
Município de Ribeirão, Pernambuco 44

Resultados das Experiências: Mudanças
Percebidas na Vida dos Agricultores 46

■ Renda Familiar Nos Espaços
de Comercialização Agroecológica 48

■ A evolução da Renda no
Espaço Agroecológico das Graças 52

Resultados da Sistematização 54

Anexos 56

■ Regimento Interno do Espaço Agroecológico 57

■ Entidades parceiras 66





Introdução

A experiência escolhida pelo Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá para participar da Série Comunidades Construindo sua Sustentabilidade foi a construção participativa de espaços de comercialização agroecológica, com foco nos Espaços Agroecológicos do Recife (Graças e Boa Viagem) e na Feira de Serra Talhada, ocorrida no período de 1995 a 2004.

A sistematização dessa experiência vem sendo construída desde 1998, quando foram realizadas as primeiras discussões e iniciativas. Seus objetivos são fortalecer as experiências dos Espaços Agroecológicos do Recife e da Feira de Serra Talhada e contribuir com outras iniciativas de comercialização agroecológica, subsidiando o debate, a reflexão e o aprendizado do ponto de vista institucional e dos agricultores e agricultoras, e também influenciando políticas públicas.

Os objetivos da proposta de construir espaços agroecológicos e feiras são, desde o princípio, permitir a comercialização direta com os consumidores, evitando a figura do atravessador, e aumentar a renda das famílias, para que possam permanecer na agricultura. Dessa forma, são apoiados o desenvolvimento de sistemas de produção diversificados e valorizados os recursos naturais.

Com o apoio dos Projetos Demonstrativos (PDA) e da Diretoria de Agroextrativismo e Desenvolvimento Sustentável do Ministério do Meio Ambiente, foi realizado um projeto de sistematização no período de agosto de 2003 a janeiro de 2004¹, que contou com uma fase de planejamento e capacitação com um grupo de outras 10 entidades apoiadas pelo PDA, reuniões da equipe de sistematização constituída no âmbito do Centro Sabiá, três oficinas com os participantes das Feiras e do Espaço Agroecológico do Recife, entrevistas com as famílias envolvidas, com agricultores e agricultoras de referência, entrevistas coletivas, produção das reflexões, análises e da narrativa.

¹ O PDA foi um dos apoiadores da implantação de experiências de agrofloresta em propriedades de agricultura familiar de Abreu e Lima e Bom Jardim.



Os Espaços Agroecológicos localizados no Bairro das Graças e no Bairro de Boa Viagem têm a proposta de serem espaços de convivência e troca de aprendizados entre produtores e produtoras rurais, técnicos e freqüentadores, além de ser um espaço de comercialização. A Feira de Serra Talhada, apesar de ter surgido sob a influência dessa concepção, tem uma identidade própria, mais voltada para a comercialização.

O Espaço Agroecológico do Bairro das Graças foi o primeiro a se estabelecer, em 1999, e hoje conta com autorização de funcionamento do Município e regras bem definidas de funcionamento. Existem 16 barracas que servem a produtores de Abreu e Lima, Chã Grande, Gravatá e Bom Jardim. Dez agricultores comercializam diretamente no Espaço e beneficiam, de forma solidária, mais 15 produtores que têm seus produtos expostos e vendidos. Estima-se que pelo menos 300 pessoas circulem no Espaço, aos sábados, entre 3h30min e 11h00 da manhã.

A Feira de Serra Talhada foi inaugurada na Semana do Meio Ambiente do ano 2000, tomando por referência o Espaço do Recife. Atualmente funciona numa praça da cidade, ao lado de uma feira tradicional, apoiando 12 agricultores e agricultoras em 12 barracas. A estimativa é de que no mínimo 200 pessoas circulem pela Feira entre 6h00 a 11h00 da manhã.

Em Boa Viagem, que é, de certa forma, uma extensão do Espaço do Bairro das Graças, existem 15 barracas, nas quais trabalham o mesmo número de produtores das Graças (10 vendendo diretamente e 15 indiretamente). Apesar de um público de mais de 300 pessoas circularem pelo Espaço, a sua localização ainda é de caráter provisório em virtude das restrições que o Município do Recife impõe à realização de feiras em praças.

As duas experiências realizadas em Recife, a do Bairro das Graças e a de Boa Viagem, podem ser consideradas como referência regional, recebendo visitas de agricultores, agricultoras, estudantes, e ONGs de vários Estados do Nordeste (Paraíba, Ceará, Bahia, Rio Grande do Norte e Alagoas). Certamente essas experiências têm influenciado a construção de outros espaços na região, que atualmente já dispõe de 25 feiras agroecológicas .

O presente texto está estruturado a partir de uma rápida introdução, uma caracterização da entidade realizadora, o Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá, seguido da descrição das experiências e das suas particularidades, inclusive quanto a resultados e desafios. Também são apresentados os resultados das experiências e do processo de sistematização. Ao longo do texto, depoimentos de técnicos(as) e agricultores(as) complementam e ilustram a narrativa.

Centro Sabiá



O **CENTRO DE DESENVOLVIMENTO AGROECOLÓGICO SABIÁ**, fundado em 1993, é uma organização não governamental com sede no Recife, Pernambuco, Brasil, que trabalha com agricultores e agricultoras familiares, com o objetivo de desenvolver e multiplicar a agricultura agroflorestal, também conhecida como agrofloresta.

O **Centro Sabiá** tem, atualmente, um trabalho reconhecido por agricultores e agricultoras, além de diversas organizações civis e governamentais, e sua missão é plantar mais vida para um mundo melhor, desenvolvendo a agricultura familiar agroecológica e a cidadania.

Para desenvolver suas atividades, a entidade atua conjuntamente com associações de agricultores familiares, movimentos sociais, organizações da sociedade civil, instituições governamentais, redes e articulações, e acompanha agricultores e agricultoras familiares agroflorestais nas regiões do Agreste, Sertão e Mata Sul e Mata Norte, todas em Pernambuco.



Mapa de atuação do Centro Sabiá

Agricultura Agroflorestal

O **Centro Sabiá** trabalha com agricultura agroflorestal que melhora a qualidade de vida das famílias de agricultores e consumidores. Essa melhora vem, entre outras coisas, da produção de alimentos sem agrotóxicos e adubos químicos. É uma atividade que favorece a segurança alimentar e nutricional, bem como agrega valor aos produtos levados para as áreas de comercialização. Além disso, preserva os recursos naturais e potencializa os recursos humanos e sociais. A terra não é tratada apenas como um bem de consumo, feito para exploração. Ela é fonte de vida. As práticas agroflorestais seguem os princípios da natureza para recuperar o solo e conservar a vida.

Para praticar essa agricultura, o **Centro Sabiá** favorece a participação dos jovens e das mulheres na unidade produtiva familiar, desde o plantio até o beneficiamento e a comercialização dos produtos. Valoriza, portanto, as novas relações de gênero e geração, resgatando nas mulheres sua atividade produtiva e reacendendo nos jovens e nas crianças a esperança de viver na agricultura.

O **Centro Sabiá** trabalha a agrofloresta e inclui, sobretudo, a conscientização política no desenvolvimento da sua proposta. Visa interferir nas políticas públicas com o objetivo de implementar o desenvolvimento local sustentável. Para atuar nas várias dimensões, há uma equipe multidisciplinar que se organiza em diversos municípios onde a entidade atua. Essa equipe recebe o reforço dos(as) agricultores(as) multiplicadores(as) que acompanham as experiências agroflorestais nas suas localidades.

Inserção da Comercialização nas Estratégias do Centro Sabiá



No início da década de 90, o Centro Sabiá e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais do Município de Bom Jardim realizaram um diagnóstico participativo da pequena produção rural do município. Identificaram que a sucessiva divisão das propriedades tinha gerado, ao longo do tempo, uma grande pressão sobre a terra. Essa pressão, por sua vez, provocou a redução da produtividade e o aumento das pragas e doenças nas lavouras. Somando-se a isso, as condições climáticas desfavoráveis agravavam a situação econômica das famílias. Em seminário realizado para discutir os resultados do diagnóstico, concluiu-se que o problema central dos agricultores locais era praticar um sistema de produção não sustentável, em profunda crise e pleno declínio. Também foi identificada, como um problema, a ausência de políticas públicas direcionadas para a agricultura familiar.

Diante dessa constatação, o Centro Sabiá iniciou um processo de assessoria com foco na sensibilização para a mudança do sistema de produção, introduzindo a discussão da agroecologia, com ênfase para a prática da agricultura agroflorestal. Tocou, também, na questão da perda de produtos na propriedade por falta de um lugar para sua comercialização e da pouca prática para beneficiar a produção.

No planejamento estratégico do Centro Sabiá para o período de 1995 a 1996, foram definidos dois objetivos estratégicos diretamente relacionados com a temática da comercialização: a) ter as experiências de referência diversificadas e consolidadas, alcançando sustentabilidade ecológica e econômica; e b) integrar nas experiências de referência os aspectos da comercialização, do beneficiamento e da criação animal.


Do conjunto de ações e estratégias previstas, estavam presentes as seguintes questões: a) inserir a temática "comercialização" na proposta do Centro Sabiá; e b) avançar nas experiências sobre beneficiamento da produção e ter acesso às informações dos mercados de produtos agrícolas, definindo produtos e nível de abrangência espacial.

No período de 1995 a 1997, o Centro Sabiá promoveu vários debates internos sobre a temática do beneficiamento e da comercialização. No ano de 1996 aconteceram dois seminários, um sobre beneficiamento da produção e outro sobre comercialização, dos quais participaram técnicos e agricultores. No âmbito das comunidades foi discutida a proposta de construção de um projeto de secador solar que pudesse agregar valor à produção de frutas, especialmente de banana e de abacaxi.

E assim, como consequência das diversas discussões e reflexões, foi realizada a primeira experiência concreta de comercialização na comunidade de Umari, onde o Centro Sabiá assessorava agricultores e agricultoras agroflorestais.

"Foram cinco grandes questões que o diagnóstico levantou: pouca terra, terra fraca, baixa produção, prejuízo no processo da comercialização (presença do atravessador e não aproveitamento e beneficiamento dos produtos) e a fragilidade da organização social. Começamos a trabalhar a agrofloresta na busca de uma agricultura diferente. Em determinado momento, a implantação dessas experiências em agrofloresta começou a tomar corpo. Os agricultores começaram a produzir e foi na hora em que chamaram o Centro Sabiá pra conversar: '- Nós estamos produzindo de forma decente, do ponto de vista ambiental e social. E agora? O que vamos fazer com esses produtos diferentes?' A necessidade de comercialização já havia sido apontada no diagnóstico, mas, de repente, veio a demanda concreta dos agricultores. Foi aí que começamos a discutir a possibilidade de realizar uma feira. Depois de analisar as possibilidades que se apresentavam, decidimos por uma experiência inicial na comunidade de Umari." (Adeildo - "Dedé" - Técnico do Sabiá).





“A comunidade de Umari cresceu às custas dos moradores de lá que iam para São Paulo, trabalhavam e traziam o dinheiro para se desenvolverem. Por isso tem uma grande concentração de mulheres sozinhas. É uma linda comunidade. Em Umari tem Dona Margarida, que é uma guerreira. Uma pessoa que brigava muito em favor dos pobres. Apesar da deficiência física, ela sempre ia pra briga. Dona Margarida foi uma pioneira.”
(Adeildo e Dona Teresa, do Espaço Agroecológico das Graças)

Primeiras experiências de comercialização: O que vamos fazer com esses produtos diferentes?

A feira em Umari, comunidade localizada na região do agreste setentrional, foi motivada por vários fatores. Inicialmente, deve-se destacar o trabalho realizado por Fátima, Secretária de Política Agrícola e Agrária do Sindicato de Trabalhadores Rurais, que motivava as mulheres de Umari a trabalhar com a agrofloresta. Também nessa comunidade a experiência de Dona Cecília, que já trabalhava com um sistema agroflorestal, estava sendo objeto de estudos e intercâmbios. Somadas a isso, a organização da comunidade e as relações de amizade e confiança com os técnicos do Centro Sabiá permitiam realizar uma experiência inovadora de comercialização.

A primeira experiência com a comercialização ocorreu em 1997. Havia uma feira tradicional, aos domingos, na comunidade de Umari e, durante a semana, os bancos utilizados pelos feirantes ficavam sem uso. Então, Rafael, um agricultor da comunidade que hoje trabalha no Espaço das Graças, fez amizade com um feirante e conseguiu o empréstimo dos bancos. Durante quatro meses, dez agricultores envolveram-se nessa experiência. No início, ficavam meio encabulados, aguardando os compradores. Algumas vezes não conseguiam vender todos os produtos que estavam expostos e tinham que repassá-los por um preço bem menor a outras barracas de comércio da comunidade para não voltar com os produtos para casa.



As pessoas da comunidade não entendiam a diferença entre os produtos daquele grupo e os outros da feira tradicional. Não davam muito valor. Os produtores, por sua vez, ainda não haviam desenvolvido a habilidade de dialogar com os clientes e explicar que se tratava de uma produção familiar, que não utilizava adubos, nem agrotóxicos e que tentava se harmonizar com o jeito de a natureza produzir, ou seja, sempre criando mais vida. Demorou muito para que a comunidade entendesse. No início, o Centro Sabiá até utilizou um carro de som para avisar sobre a feira, além de distribuir alguns panfletos. Mas foi algo meio improvisado, que não constituía uma estratégia de divulgação.

Na avaliação da experiência realizada na Comunidade de Umari, ainda em 1997, foram identificados os seguintes problemas: pouco movimento de consumidores, necessidade de melhorar a divulgação e de unificar os preços dos produtos, preocupação em evitar que os agricultores virassem atravessadores e produção ainda muito limitada. Mas, mesmo com todos esses problemas, constatou-se que a experiência foi um grande aprendizado para os agricultores e técnicos, que buscaram novas capacitações nas áreas do atendimento ao cliente e da organização do espaço. Imprimiu-se, também, uma nova dinâmica na temática da comercialização dos produtos oferecidos.

Espaço Agroecológico do Bairro das Graças - Recife



No dia 12 de outubro de 1997, em comemoração ao Dia Mundial da Alimentação, o Centro Sabiá e outras organizações promoveram uma exposição de produtos agroecológicos na cidade do Recife. Foi um dos passos mais importantes para a construção do primeiro Espaço Agroecológico², localizado no Bairro das Graças.

Essa exposição foi resultado das discussões sobre comercialização que já aconteciam no âmbito do Centro Sabiá com os agricultores e agricultoras, e da avaliação das iniciativas realizadas no interior do Estado: a feira agroecológica, na comunidade de Umari, e a Feira de Produtos Orgânicos de Gravatá, iniciada também em 1997, com a participação de agricultores e agricultoras de Gravatá organizados na AMA - Gravatá (Associação Amigos do Meio Ambiente de Gravatá), e de Chã Grande, e que funciona até os dias de hoje. A partir dessas iniciativas locais, os agricultores e suas associações e as organizações de assessoria, como o Centro Sabiá e AMAS (Associação Menonitas de Assistência Social), passaram a discutir a possibilidade da realização de processos semelhantes em Recife.

² Espaço de encontro, de atividades culturais e artísticas e de comercialização da produção agroecológica.



“Veio o convite do Centro Sabiá: no Dia da Alimentação vamos fazer uma experiência, a senhora leva dois ou três produtos, o que estiver sobrando na sua mesa. Veio todo mundo assustado, mas veio. Nunca tínhamos saído para vender fora do nosso lugar. Então, a gente organizou os nossos produtos numa barraca coletiva, bem sortida. E todo mundo chegava, perguntando, comprando. Ai, foi uma felicidade muito grande. A gente vendeu tudo. Eu me lembro que apurei doze reais, mas pra mim era muito dinheiro. Então decidimos fazer outra feira, quinze dias depois. E aí foi a mesma coisa, vendemos tudo.”

(Dona Teresa, do Espaço Agroecológico das Graças)

“Eu apurei quarenta e seis reais. Em Umari eu apurava, onze, doze, até dezesseis. Ai, pra mim, já estava bom, mas vindo mais dinheiro era melhor”.
 (“Seu” Rafael, do Espaço Agroecológico das Graças)



A exposição aconteceu na Praça da Jaqueira, em Recife, com a participação de agricultores e agricultoras de Bom Jardim, Gravatá, Chã Grande e Abreu e Lima. Os agricultores trouxeram algumas barracas da feira de Gravatá, e os agricultores de Bom Jardim alugaram outras, com apoio do Centro Sabiá.

A exposição foi uma grande novidade e atraiu a atenção de muita gente. Foi um sucesso. Todos os produtos expostos foram vendidos, o que animou os agricultores. Em uma reunião ao final da exposição, decidiram dar continuidade ao processo e passaram a vir ao Recife a cada 15 dias, inclusive por sugestão dos consumidores.

Nas primeiras feiras foram comercializados 49 tipos de produtos, considerada uma diversidade boa e uma quantidade razoável. Como resultado de melhoria de renda, deve ser citado o exemplo de “Seu” Antônio Florêncio, que apurou R\$ 60,00, valor este que ele, geralmente, conseguia em um mês.




As primeiras avaliações dessa experiência mostraram a necessidade de criar uma organização dos agricultores agroecológicos e o grande potencial da comercialização em Recife, considerando o interesse dos consumidores e a possibilidade de divulgar a proposta agroecológica.

Como reflexo desses acontecimentos e de sua velocidade, ainda em 1997 o Centro Sabiá organizou no seu sistema operacional um programa de trabalho sobre beneficiamento e comercialização, e realizou uma avaliação dos processos em curso chegando às seguintes conclusões:

- necessidade de favorecer os intercâmbios e as visitas com outras experiências para melhorar e aperfeiçoar as feiras que o Centro Sabiá acompanha;
- o Sindicato dos Trabalhadores Rurais não tem condições de assumir o papel de promotor das feiras, o que demonstra a necessidade de uma organização específica para a comercialização;
- o planejamento das experiências agroflorestais deve incorporar culturas de ciclo curto.

“Como o Espaço Agroecológico era o primeiro em Recife, a gente não tinha outras para visitar. Hoje são 12 feiras em Pernambuco. Muitas se espelharam no nosso processo e se constituíram a partir da visita que realizaram ao Espaço.” (Adeildo, Técnico do Centro Sabiá)



“Depois da exposição, os agricultores chamaram o Sabiá para conversar sobre a continuidade da comercialização no Recife. O Sabiá questionava sobre a reduzida quantidade de produtos. Se realmente valia a pena trazer aquela quantidade semanalmente, considerando o custo que ia ter com o transporte. Essa oportunidade de comercializar fez com que os agricultores refletissem e começassem a planejar melhor suas propriedades. Tinha uma demanda de produtos muito grande.” (Adeildo, Técnico do Centro Sabiá)

Como resposta a essas avaliações, o Centro Sabiá e os parceiros buscaram promover intercâmbios entre os agricultores, porque não encontravam referências de feiras agroecológicas próximas para se basear, além das próprias experiências locais dos agricultores. Foi incentivada a criação da comissão de coordenação, como se verá adiante, e o planejamento da produção passou a incorporar mais fortemente a estratégia da entidade de assessoria e dos agricultores em suas propriedades.

Mas, para ter continuidade, a experiência do Espaço Agroecológico tinha outro problema a solucionar. A cidade do Recife tem uma lei municipal que proíbe a realização de feiras em praças públicas. Para a realização da primeira exposição, o grupo havia conseguido uma autorização da Prefeitura com validade para todo o mês de outubro de 1997. Na terceira feira, porém, quando a autorização já não tinha mais validade, a polícia foi acionada e quis impedir o processo de comercialização. Nesse momento, os consumidores se mobilizaram e impediram a ação policial. Depois desse dia, o grupo transferiu-se para a Praça das Corticeiras, no Bairro das Graças, mas, algum tempo depois, sofreu nova fiscalização. Dessa vez, um fiscal sugeriu que instalassem o Espaço Agroecológico na Rua Souza de Andrade, localizada ao lado da Praça das Corticeiras, onde a feira é realizada até hoje.

Uma outra restrição na cidade do Recife é a proibição de circulação de transporte coletivo em certas áreas da cidade. Então, outra negociação teve que ser feita com a Prefeitura para que fosse concedida uma credencial para os veículos que faziam o transporte dos agricultores a serviço do Espaço Agroecológico.

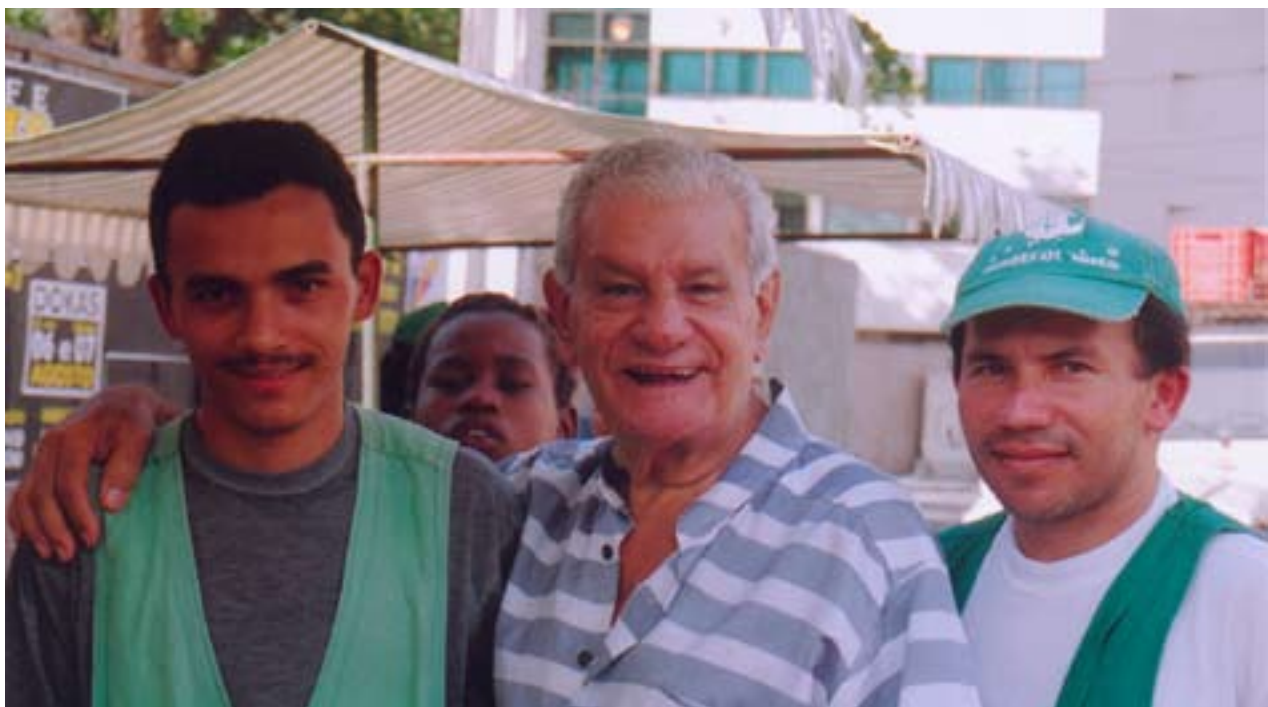
No início, o Espaço Agroecológico não contou com apoio da Prefeitura Municipal do Recife ou das prefeituras dos municípios de origem dos agricultores. A organização e o empenho dos agricultores, junto com as entidades de assessoria e as relações com os consumidores, foram os fatores que possibilitaram o estabelecimento desse espaço de comercialização. A partir de 2000, com a mudança da administração da cidade do Recife, essa situação mudou e houve um apoio efetivo da Prefeitura, especialmente nas questões de segurança, organização do trânsito e divulgação da feira.

Porém, deve-se destacar, é necessário um diálogo constante com a Prefeitura. Com a nova gestão, a feira foi vista como uma contribuição para a cidade do Recife. Relações de amizade e o fato de o Prefeito, quando candidato, ser freqüentador da feira, contribuíram para melhorar o diálogo com o Município. No entanto, a mudança de pessoas nos quadros das Secretarias Municipais gera sempre novos desafios para a organização do Espaço.

Com o passar do tempo, a experiência foi-se consolidando como um referencial de comercialização de produtos agroecológicos e agroflorestais e, mais do que isso, na construção de uma concepção de comercialização onde estivessem contemplados os interesses dos agricultores e dos consumidores. Os agricultores que comercializam seus produtos e os consumidores que freqüentam o Espaço Agroecológico relacionam-se de forma amigável e solidária, construindo uma relação que fortalece os processos de manutenção da família rural e o acesso a uma alimentação de qualidade pelos moradores dos centros urbanos.

“A gente trazia o produto a cada quinze dias e vendia tudo, então pensamos em vir de oito em oito dias. A gente estava muito animado. Mas um dia veio o carro da Prefeitura e queria levar tudo. A gente ficou calado. Aí vieram os técnicos do Sabiá, conversaram e não sei bem como eles deixaram os produtos. A gente perdeu o medo.”

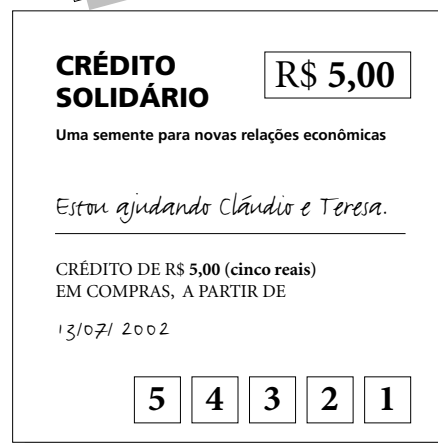
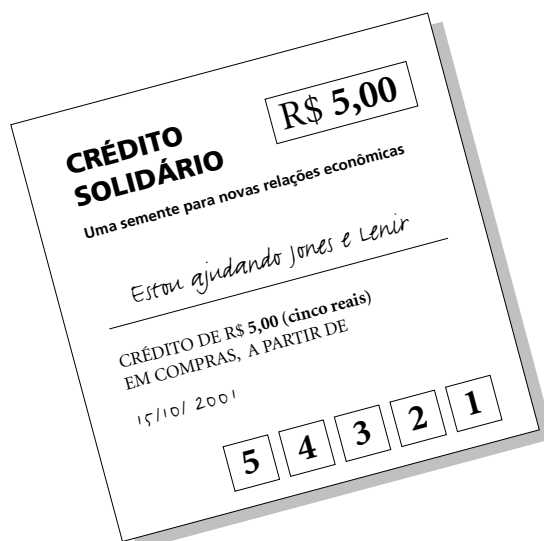
(Dona Teresa, do Espaço Agroecológico das Graças)



A Participação dos Consumidores

As relações de solidariedade entre os consumidores e agricultores permitiram que, no ano de 1999, fosse desenvolvida a experiência do “Crédito Solidário”. Essa iniciativa consistia no pagamento antecipado dos produtos, pelos consumidores, gerando créditos que iam sendo descontados à medida em que as feiras iam acontecendo. Essa experiência ajudou vários agricultores a adquirir o material necessário para a comercialização de sua produção, como, por exemplo, barracas, grades para transportar os produtos, etc.

Ao lado, o modelo de cupom utilizado na experiência do Crédito Solidário:




No processo de capacitação também houve momentos de envolvimento dos consumidores no sentido de levantar informações que pudessem melhorar a experiência. Em alguns momentos, os clientes participaram das assembléias gerais do Espaço Agroecológico, que era o momento de visitas nas propriedades.

Em 2000, os consumidores participaram de um processo de entrevistas. Eles levantaram as seguintes preocupações em relação ao andamento da experiência do Espaço Agroecológico: 20% deles achavam que havia poucos atendentes; 18%, pouca oferta de produtos; 16%, tumulto; 14%, pouca variedade de produtos; 13%, produtos no chão; 7%, rua suja; 7%, conservação; e 5% reclamavam dos preços altos. Esse levantamento ajudou no planejamento das atividades do Espaço Agroecológico.

Constatou-se, também, que, do público que freqüentava o Espaço Agroecológico, 60% eram mulheres. Em torno de 75% dos freqüentadores tinham o 3º grau de escolaridade e argumentaram que o principal motivo de comprar no Espaço Agroecológico era o fato de os produtos não conterem agrotóxicos (52%) e possuírem boa qualidade (32%). Outros aspectos que justificavam a freqüência eram a amizade (6%), o atendimento (4%) e a comodidade (2%). Quase 70% dos consumidores freqüentavam a feira e realizavam suas compras semanalmente.

“Eu e meu marido sofremos um acidente e os nossos clientes se preocuparam em fazer alguma coisa para nos ajudar. Eles criaram uma cartelinha na qual davam um certo valor em dinheiro. Depois, quando eu e Cláudio ficássemos bem, eles iam tirar aquele dinheiro em produtos da barraquinha. Podiam descontar tudo de uma vez ou parceladamente. Depois que eu fiquei boa, com três meses, tinha clientes que vinham e rasgavam o crédito. Esse foi o primeiro exemplo de crédito solidário. Eu recebi muita ajuda dos próprios agricultores. Quando terminava a feira, cada um procurava a minha filha e entregava um pouco do dinheiro para ajudar nas despesas. Todo sábado. Nós somos uma família.” (Dona Teresa, do Espaço Agroecológico do Recife)



“A noção de Espaço Agroecológico tem um diferencial de Feira Agroecológica. Pensávamos num espaço de convivência, onde os agricultores e agricultoras interagissem com os consumidores. É que os consumidores pudessem visitar as propriedades e conhecer a forma de produzir. No Espaço das Graças e de Boa Viagem essa concepção foi mantida, mas, no Sertão, os agricultores decidiram por ter um caráter de feira.” (Aldo, Coordenador do Centro Sabiá)

A Definição do Nome e da Marca “Espaço Agroecológico”

A construção do nome do Espaço Agroecológico foi feita a partir de vários momentos de discussão com todos os participantes da experiência. Esse nome está registrado e tem o seguinte significado:

- **Espaço** tem o sentido de um local de encontros e de comercialização da produção agroecológica construído com a participação de todos.
- **Agroecológico** visa englobar os modelos de agricultura sustentável.



ESPAÇO AGROECOLÓGICO

Com a definição do nome, veio a discussão sobre a marca. Após várias reuniões e propostas, definiu-se pela marca atual, que assim está constituída:

- o globo, com a América Latina modificada em forma de folha;
- o nome “Espaço Agroecológico” abaixo da imagem; e
- onde a marca for usada (uniformes, camisetas, bonés, materiais de divulgação), deve-se acrescentar a frase **“Um Encontro com a Qualidade de Vida”**.

Para garantir o bom desenvolvimento da experiência, desde o início esse grupo se preocupou em estabelecer uma dinâmica de reuniões e encontros para a tomada de decisões referentes ao Espaço Agroecológico.

“A gente tinha reuniões depois da Feira e tinha muitos encontros, todo mês tinha reunião. Hoje são três durante o ano, onde a gente lava a roupa suja. No início, tinha agricultores que, na realidade, não eram agricultores, mas que estavam dentro do Espaço. Eles reclamavam muito e a gente sempre de cabeça baixa. Até que um dia virou o quadro, os agricultores se fortaleceram, aprenderam que tinham os mesmos direitos. Esse conflito existia no início porque eram pessoas que falavam bem, que eram estudadas. Mas aí a gente foi treinado para tratar com o cliente, saber conversar e ter cuidado com a higiene, que era uma preocupação muito grande”. (Dona Teresa, do Espaço Agroecológico das Graças)



Regimento Interno

Durante os anos de 1999 e 2000, foram tomadas várias decisões importantes sobre a administração do Espaço Agroecológico. Essas decisões, registradas nas atas das Assembléias Gerais e das reuniões da Coordenação, facilitaram a organização de um só documento que se transformou no Regimento Interno do Espaço Agroecológico (Anexo I). Além dessa referência, a comissão responsável para elaborar uma proposta de Regimento Interno adotou algumas normas do Manual de Certificação da Associação de Agricultura Orgânica e das Diretrizes para o Padrão de Qualidade Orgânico "Instituto Biodinâmico".

O Regimento Interno, que foi uma construção a partir do dia-a-dia dos agricultores, além de esclarecer dúvidas, também é considerado uma importante ferramenta para o crescimento do trabalho, não só da comercialização, mas também daquele realizado em cada município pelas organizações e associações em relação à produção, sempre baseada em propostas ecologicamente sustentáveis. Nele constam os objetivos e os princípios adotados para a comercialização dentro do Espaço, além de normas a serem seguidas nos sistemas produtivos animal e vegetal e no beneficiamento da matéria-prima. É um documento de referência para solucionar conflitos e outros problemas ou entraves que surjam ao longo do percurso, como a inclusão ou exclusão de agricultores, a abertura de outras feiras com a marca do Espaço Agroecológico, entre outros. Há também estabelecimento de um fluxo organizado de informações que ajudam no monitoramento e planejamento das atividades do Espaço, como é o caso da ficha de produção (Regimento Interno - Art. 8, no Anexo I).




Um dos aspectos interessantes do Regimento é a questão da política de preços implantada nos Espaços Agroecológicos. Os preços dos produtos agroecológicos são discutidos nas reuniões da Coordenação e Assessoria a partir de pesquisa realizada nos supermercados e nas feiras livres do grande Recife. Depois de aprovados pela Assembléia Geral, esse preços são divulgados para a participação dos consumidores. Um dos princípios é que todos os participantes da feira venderão seus produtos com um preço justo que não varie bastante durante o ano. Há uma variação de preço máximo e mínimo que reflete as diferenças em tamanho e quantidade da mercadoria.

Outro aspecto importante inserido no Regimento e que ajuda a coordenação nas suas atividades foi a criação do Fundo de Feira. O Fundo é composto por uma taxa de adesão de R\$ 50,00, cuja cobrança cai pela metade para quem apenas envia produtos e não os comercializa diretamente. Também é cobrada, semanalmente, uma taxa de R\$ 2,00, valor este estipulado em Assembléia Geral. Os recursos arrecadados são utilizados para a manutenção e o melhoramento do Espaço e também podem ser usados na forma de empréstimo ou ajuda de emergência, em casos de extrema necessidade de algum sócio ou sócia, desde que a solicitação seja direcionada ao trabalho na propriedade ou a aspectos de comercialização. A solicitação é discutida e aprovada pelo grupo, tendo a coordenação o papel de liberar o recurso.

“Se você tem um produto melhor, você bota o preço no máximo. Se o meu produto está feio, tenho que fazer um molho maior. Se você tem uma banana melhor, você cobra o preço máximo. Mas eu não posso vender o meu produto por um preço menor que os outros, só pensando em não levar produto de volta para casa. Tenho que vender pelo mesmo preço até o fim da feira.” (Dona Tereza)

Capacitação dos participantes do Espaço Agroecológico



“Havia uma estratégia de capacitação. Dentro dessa dinâmica, aconteciam as reuniões do Espaço Agroecológico, nunca num mesmo lugar, mas em propriedades diferentes, em Gravata, em Chã Grande, em Bom Jardim. E era um intercâmbio muito no campo da produção.”
(Adeildo, técnico do Centro Sabiá)

Para garantir a qualidade da experiência da comercialização agroecológica, agricultores e organizações de assessoria envolvidos com o Espaço Agroecológico passaram por processos de capacitações e intercâmbios, muitos deles organizados pelo conjunto das instituições envolvidas com o Espaço.

Durante esses anos, foram realizadas várias oficinas de capacitação sobre atendimento ao cliente, além de capacitações em planejamento da produção, agricultura agroflorestal e agricultura orgânica. Houve intercâmbios com outras experiências de agricultura sustentável e palestras no Espaço Agroecológico, envolvendo os consumidores. Além disso, as atividades de confraternização do grupo e de comemoração dos aniversários do Espaço Agroecológico foram e continuam sendo momentos muito importantes de divulgação e consolidação da experiência.

Nas capacitações sobre o atendimento aos clientes, foi contratada uma assessoria externa com o objetivo de diagnosticar problemas e trabalhar com os aspectos comportamentais que se refletiam na qualidade do atendimento aos clientes e nas relações intergrupais.

Para ajudar na dinâmica de capacitação, foram aplicados questionários aos consumidores sobre o desempenho dos atendentes, com os seguintes resultados: 34% reclamam de tumulto no início da feira; 17% reclamam da questão da confiança; 13% da montagem das barracas; 13% de poucos atendentes; 13% da pouca oferta; e 10% de poucos treinamentos.

O processo de discussão com os agricultores e agricultoras também trata das questões de estrutura e visual do Espaço Agroecológico. Em relação à estrutura, as barracas foram adquiridas pelos agricultores, de forma individual ou em parceria entre duas ou três famílias. As primeiras barracas foram adquiridas com apoio do Centro Sabiá, através de um fundo rotativo, e os agricultores se



comprometeram a pagar os empréstimos de forma parcelada. A partir dessa experiência, os agricultores constituíram o seu próprio Fundo de Feira, com uma contribuição semanal que é destinada a melhorias na estrutura do Espaço Agroecológico, pagamento de transporte, guarda das barracas, empréstimos aos agricultores para a locomoção e participação nas assembléias gerais do Espaço Agroecológico.

Em relação ao aspecto visual, os agricultores e agricultoras preocuparam-se com a aparência das barracas, adquirindo toldos, toalhas e saias padronizadas, o que trouxe um aspecto mais limpo e agradável ao ambiente. Também como uma norma do regimento interno, os feirantes devem estar trajados com batas padronizadas, contendo a marca do Espaço, com bonés e crachás, que é uma forma prática de identificação para os clientes.

*“No início, a gente tinha barracas alugadas que pagava por semana, e aí a gente pensou em mandar construir as barracas. Quando fizemos as barracas, discutimos batas, chapéu, uma cor para a roupa que vem ao espaço, a sacola ser branca e o fardamento, pensamos em uma saia para as barracas para não ver o que está embaixo.”
(Dona Teresa, do Espaço Agroecológico das Graças)*



Agricultores e Agricultoras Coordenam o Espaço Agroecológico

Simultaneamente à discussão e à construção do Regimento Interno do Espaço Agroecológico, em 2000 foi constituída uma Coordenação, onde os agricultores que comercializam no Espaço Agroecológico ocupavam as funções de coordenador e vice-coordenador, tesoureiro e vice-tesoureiro, e secretário e vice-secretário. A partir desse momento, a coordenação passou a se reunir semanalmente, logo após a feira, para discutir as questões operacionais do dia-a-dia e dar os devidos encaminhamentos.

O Centro Sabiá adotou uma estratégia de promoção da autonomia dos agricultores e agricultoras e de suas organizações. No início dos processos, havia uma participação muito grande da entidade em todos os momentos, inclusive transportando os produtos e os produtores e depois subsidiando o transporte. Esse apoio foi paulatinamente sendo reduzido até que os produtores assumiram para si a coordenação. Em momentos críticos, no entanto, a entidade é chamada a ter uma participação maior. Essa flexibilidade no relacionamento entre a entidade de Assessoria e as famílias envolvidas gera confiança, amizade, parceria e, principalmente, autonomia.

Nos finais das feiras, os agricultores têm promovido e estimulado um processo de troca de produtos fazendo com que o que sobra da produção não retorne para as áreas dos agricultores. Isso tem ajudado a fortalecer as relações entre as famílias participantes da experiência de comercialização. É uma forma de realizar concretamente a economia solidária, ressignificando as relações de troca (comércio) dentro da característica fundamental da agricultura familiar, que é a solidariedade.

A experiência de Lourdes Negromonte,
Agricultora Agroflorestal da
comunidade de Santa Cruz, Município
de Bom Jardim, Pernambuco



Há aproximadamente oito anos, Dona Lourdes trabalha com agricultura agroflorestal e é uma das fundadoras do Espaço Agroecológico. Atualmente, Dona Lourdes é sócia da Associação dos Agricultores e Agricultoras Agroecológicas de Bom Jardim (Agroflor). Na gestão passada, exerceu o papel de Secretária de Planejamento das Experiências Agroecológicas. Hoje, o trabalho da agrofloresta e da comercialização faz com que Dona Lourdes contrate temporariamente o trabalho de duas pessoas da comunidade. A agricultora sente-se mais valorizada na comunidade e na própria família, porque melhorou de vida.

Na propriedade de Dona Lourdes são cultivados vários produtos, desde frutíferas até raízes, milho e feijão, além da criação de animais (galinhas, patos, vacas, perus, etc). Vários produtos são beneficiados e comercializados: macaxeira, pé-de-moleque, inhame, cará, são tomé, frutas, bolos, pastéis e sucos. A agricultora trabalha na sua propriedade de 8 hectares com a ajuda de seus dois filhos, Fernando e Paula, e suas duas netas, Letícia e Gicélia.

Abaixo, o importante depoimento de Dona Lourdes:

“É pouca gente que tem em casa, mas todos me ajudam. Eles não podem me ajudar o dia todo porque estudam, mas sempre me ajudam, principalmente na sexta-feira. Todos trabalham comigo na comercialização da produção.

Minha vida mudou com o trabalho da agrofloresta e da comercialização. Mudou porque comprei algumas coisas para mim, coisas que eu não tinha. Depois que comecei a trabalhar, comecei a ganhar meus trocadinhos. Comprei uma televisão, uma antena parabólica, um guarda-roupa para as meninas e um guarda-roupa pra mim. Tudo que tinha eram umas coisas

velhas. Comprei um fogão de seis bocas, que era um sonho que eu tinha na vida. Ajeitei a casa duas vezes, botei madeira, depois fiz a grade, fiz a cisterna e já paguei. Tudo foi da feira, tudo foi com meu trabalho, pois eu não tinha salário nenhum. O dinheiro que eu tinha era o que os meninos me davam. Marco, um dos filhos que mora em um município vizinho, trabalhava em Limoeiro, onde tinha uma barraquinha. Todo sábado ele mandava umas coisinhas pra mim. Quando eu ia lá, porque eu não tinha serviço, trazia umas coisinhas de compra, mas tudo na vida aconteceu depois que eu aprendi o que é plantar.

Minha vida melhorou, a qualidade de vida melhorou, porque eu tinha a feira de casa mais apertada. Hoje o que eu desejar fazer eu faço, mesmo que não seja muita coisa, mas se eu quiser fazer um passeio dá pra eu ir, se eu quiser comprar uma roupa, um chinelo, tudo é mais fácil e dá pra eu fazer. Antes não dava pra fazer nada disso, era duro.

Hoje tenho mais saúde, porque, antes, a gente tinha as coisas mas não dava valor, comprava um suco feito porque era mais fácil do que fazer. E, hoje em dia, a gente sabe que as frutas têm mais vitaminas. Tudo que é da terra tem mais valor do que o que é comprado. Eu e os meninos aprendemos a valorizar mais o que a gente tem. Remédio aqui não acabava com resfriado. Até mesmo a mãe, quando pegava um resfriado, ficava um mês de cama. Depois que comecei a criar abelhas, plantar acerola, tomar suco e comer coisa sem veneno, acabaram as doenças aqui em casa, porque não tinha uma semana que não quisesse ir ao doutor. Hoje em dia passamos o ano sem ir ao médico.”

Feira Agroecológica de Serra Talhada



A Feira Agroecológica de Serra Talhada, município localizado no Sertão de Pernambuco, teve início em 9 de junho de 2000, como uma das atividades comemorativas da Semana do Meio Ambiente. Estiveram envolvidos na organização dessa experiência agricultores e agricultoras agroflorestais dos Municípios de Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde, sócios da Associação do Desenvolvimento Rural Sustentável da Serra da Baixa Verde (Adessu), e agricultores e agricultoras agroecológicos de Serra Talhada acompanhados pelo Centro de Educação Comunitária Rural (Cecor), organização de assessoria que atuou juntamente com o Centro Sabiá nesse processo de construção da experiência de comercialização agroecológica.

Para a organização da Feira Agroecológica, agricultores e técnicos tomaram como base o processo já estabelecido em Recife pelo Espaço Agroecológico das Graças, através de seu Regimento Interno. Também com esse objetivo, estabeleceram como critério para a participação na feira a obrigatoriedade do acompanhamento técnico por uma das instituições de assessoria envolvidas e um período de experiência de participação em três feiras.

Inicialmente, a Feira Agroecológica funcionava às sextas-feiras, e, depois de alguns meses, passou a acontecer aos sábados pela manhã. No ano de 2003, a partir da organização dos agricultores, a Feira mudou sua estrutura para uma Praça, o que é considerada uma conquista pelos participantes, por ser um local mais amplo e fechado ao tráfego de veículos.

A Feira Agroecológica de Serra Talhada acontece muito próximo à feira tradicional do Município, onde também há comercialização de produtos agrícolas. Essa proximidade gerou a necessidade de fortalecer o processo de sensibilização e convencimento dos consumidores que ainda não conhecem a proposta alternativa da Feira.

A concorrência com a feira tradicional, quanto ao estabelecimento de preços dos produtos, é um problema que vem sendo enfrentado. Há um acordo, na Feira Agroecológica, de que todos devem vender os mesmos produtos pelos mesmos preços, o que não acontece na feira tradicional, onde a lógica é simplesmente a relação comercial. Os preços praticados para os produtos agroecológicos são os mesmos dos produtos convencionais.

Mesmo assim, os agricultores consideram que não há prejuízo, em função da estratégia da Agrofloresta, através da qual eles têm uma grande diversidade e mais safras do que o convencional, por causa do manejo. Dessa forma, a Feira proporciona uma renda semanal para as famílias, o que é diferente da realidade anterior, quando vendiam para o atravessador uma grande quantidade de um único produto durante a safra. Nesse caso, a entrada de recursos na propriedade se dava apenas uma vez ao ano e era controlado pelo chefe de família.



Com a Feira, essa realidade está sendo modificada, pois a proposta é de desenvolver sistemas de produção diversificada em cada propriedade, garantindo a comercialização durante todo o ano. Outro fator é que as mulheres e jovens passam a participar do processo produtivo (que muitas vezes é iniciado por eles e não pelo chefe da família) e econômico, sentindo-se mais valorizados e estimulados a permanecerem na agricultura. Na maioria dos casos, as mulheres e jovens apresentam uma maior desenvoltura para a comercialização em feiras, que proporcionam o contato direto dos agricultores com os consumidores.

Durante esses quatro anos de Feira Agroecológica, agricultores e agricultoras perceberam muitas mudanças e conquistas. As mais significativas são aquelas que acontecem dentro da família e da propriedade. Após a mudança do sistema produtivo - saindo do convencional para o agroecológico - e a realização da Feira, a família permanece mais unida no trabalho, os filhos desistem de procurar oportunidades profissionais em outros centros, permanecendo na propriedade, e as mulheres têm seu valor e trabalho reconhecidos. A satisfação com este novo jeito de fazer agricultura e comercialização e o aumento da auto-estima são visíveis.

A relação direta com o consumidor, proporcionada por esse tipo de comercialização, permite novas experiências, amplia os horizontes. Os agricultores estabelecem novas relações com outras pessoas, sejam agricultores ou consumidores, e têm a possibilidade de apresentar o seu produto e dar garantias de sua qualidade. A partir desse contato, consumidores são incentivados a consumir produtos oriundos da agricultura familiar agroecológica da região, incrementando a economia local.



Outro aspecto apontado pelos agricultores é a melhoria das casas e a motivação para reformar ou construir estruturas próprias para o beneficiamento dos produtos.

Várias foram as conquistas alcançadas, embora ainda existam dificuldades que não foram superadas, mas que não são suficientes para desanimar o grupo de agricultoras e agricultores. A primeira delas é a questão do transporte. Os agricultores que participam da Feira utilizam carros de linha para seu transporte e o dos produtos, pois a contratação de um carro particular para este fim é muito caro e torna-se inviável. Além disso, aos sábados, os carros de linha não circulam pelo sítio e os agricultores devem caminhar grandes distâncias a pé, carregando os produtos até chegarem às vias principais.

Outro tema em que é necessário investir é na divulgação e sensibilização dos consumidores sobre as vantagens de adquirir produtos agroecológicos da agricultura familiar. Enquanto isso não acontece, os agricultores vêm praticando a troca de produtos nos finais das feiras e entregando parte da produção nos domicílios.

Para melhorar a comercialização, os agricultores identificam a necessidade de planejamento da produção. Mas, para isso, é fundamental que as famílias tenham acesso a recursos para investir nas suas propriedades. Mesmo com melhorias significativas na renda trazidas com a organização da Feira Agroecológica, esse é um problema recorrente da agricultura familiar. Os agricultores, descapitalizados, ainda têm dificuldade em acessar os créditos oficiais.

Conquistas

As ações no campo da produção sustentável e comercialização agroecológica têm repercutido positivamente nas comunidades. Diminuiu significativamente a prática das queimadas, inclusive nas propriedades de agricultores que não participam diretamente desse processo. As famílias agora aproveitam toda a produção, valorizando a prática do beneficiamento, gerando mais valor aos produtos e garantindo autonomia alimentar.

Outra conquista foi a montagem da infraestrutura mínima para o funcionamento da Feira Agroecológica. A infra-estrutura, financiada através de um fundo rotativo, permitiu o pagamento de acordo com as possibilidades das famílias.

O apoio do poder público local para instalação e funcionamento da Feira (liberação da rua e de organizações de assessoria) também é considerado uma vitória da organização dos agricultores.

A participação na Feira também estimulou melhorias nas propriedades rurais para possibilitar o beneficiamento da produção agroecológica. Por outro lado, o intercâmbio com outros agricultores que realizam o beneficiamento, a demanda dos consumidores e a criatividade das agricultoras têm gerado uma dinâmica muito positiva de inovações.

A credibilidade dos produtores que, com o tempo, receberam o reconhecimento dos consumidores, gera mais apoio à Feira, uma vez que esses consumidores passaram a demandar um local fixo para a comercialização durante a semana. A partir da Feira, estão se abrindo outros canais de comercialização ainda em discussão pelos agricultores e agricultoras.

A organização da Feira também é uma conquista. Foi constituída uma coordenação e um Regimento Interno adaptado a partir do Regimento do Espaço Agroecológico do Recife.



A experiência de Ivonete Lídia - Comunidade Baixa das Flores - Município de Santa Cruz da Baixa Verde, Pernambuco.

A agricultora Ivonete trabalha na agricultura desde os oito anos de idade. Possui uma área de aproximadamente 10.000 m² em que cultiva abacate, graviola, café, pinha, sirigüela, palma forrageira, além de caju e laranja. Existem também várias plantas nativas na propriedade. Dona Ivonete não esconde a grande habilidade no trato do beneficiamento da produção. Ela vende grande parte da produção processada como doces, bolos e remédios caseiros. Hoje desempenha o papel de agricultora multiplicadora da agricultura agroflorestal e dos seus conhecimentos sobre beneficiamento da produção.

A experiência vem contribuindo muito na melhoria da qualidade de vida da agricultora, como ela mesma afirma:

"A minha experiência está indo bem. Estou trabalhando com toda a família, todos me ajudam e está sendo maravilhoso. Começamos a trabalhar e estamos achando que vale a pena, a renda é bem melhor e está sendo ótimo o desenvolvimento.

Comecei a vender meus produtos depois de fazer um curso pelo Sabiá e de ver a estrutura da Feira do Recife (Espaço Agroecológico). Nós começamos a produzir e, por necessidade, comecei a levar para a feira, onde estou vendendo bem. Aqui é assim, no trabalho do beneficiamento, quando chega a sexta-feira é dia de preparar os produtos para levar para a feira no sábado. Um fica moendo o milho, minha mãe faz o bolo, uma irmã peneira a goma para fazer a tapioca, a minha outra irmã Chica torra o café, a minha cunhada ajuda minha irmã a peneirar a goma e assim vai.

A associação de que participo e que me acompanha desde 1996 é a Adessu (Associação de Desenvolvimento Rural Sustentável da Serra da Baixa Verde).

Eu comprei um terreno já com os resultados desse meu trabalho. Comprei uma sala, um colchão, tudo com a renda que estou fazendo da minha área. A renda está indo bem, melhorando até o meu alimento, pois agora compro o que eu gosto. Estou comendo o que eu gosto, o que eu quero. A qualidade de vida está melhor também. Com a minha renda, já construí uma cozinha tipo galpão para a minha família me ajudar, em um espaço maior, e construí também um forno para assar os bolos. Os clientes valorizam bem o meu trabalho, porque, se as pessoas não valorizassem, não vinham comprar e não voltariam outras vezes. Os vizinhos também valorizam o trabalho que faço."





Espaço Agroecológico de Boa Viagem, Recife, Pernambuco

Esta iniciativa começou no dia 22 de dezembro de 2001, quando foi realizada a primeira feira. O Espaço Agroecológico foi organizado a partir de uma união de agricultores acompanhados pela Agroflor, Associação dos Amigos do Meio Ambiente de Gravatá (Ama Gravatá), Centro Sabiá e Serviço de Tecnologia Alternativa (Serta). Mas, antes, aconteceram várias reuniões envolvendo as organizações participantes do Espaço Agroecológico das Graças para discutir essa questão. Em uma assembléia do Serta, foram convidadas a participar a Agroflor, Ama Gravatá, o Centro Sabiá e também o Diretor da CSURB (Companhia de Serviços Urbanos), em que ficou acertada a criação desse novo Espaço.



“Antes do Espaço de Boa Viagem, a gente já mandava os produtos para o Espaço das Graças. Na primeira feira em Boa Viagem, vieram quatro agricultores trazendo o carro cheio, com meio mundo de produtos. Do jeito que o carro foi, voltou, não vendeu quase nada. Mas, mesmo assim, deu para livrar um pouco de dinheiro depois de pagar o transporte. Só teve um agricultor que não levou diversidade, que só tinha levado inhame e que ficou no prejuízo. Até hoje a gente tem dificuldade. Porque o nosso lugar é muito bom, já tentaram tirar a gente, mas os clientes fizeram abaixo-assinado.

Estamos procurando outro lugar. E agora tem muito cliente novo.”

(Mauricéia, do Espaço de Boa Viagem)



O Serto organizou uma pesquisa entre os consumidores, realizada por jovens estudantes, com a finalidade de identificar um possível interesse no funcionamento de uma feira agroecológica no Bairro de Boa Viagem, e qual seria o melhor local para sua instalação. Mas os locais apontados na pesquisa não foram aceitos pela Associação de Moradores de Boa Viagem, que indicou outro local, onde o Espaço Agroecológico funciona até hoje.

A feira foi instalada no período de férias, com pouca divulgação, o que prejudicou o movimento de consumidores. Os resultados da primeira feira foram fracos, muitos produtos não foram vendidos. Diante disso, os agricultores tomaram a iniciativa de fazer a divulgação através de panfletagem, além de conversar com as pessoas sobre a feira. Durante outras feiras, porém, os agricultores continuavam com dificuldades para vender os produtos, mas, mesmo assim, permaneceram motivados a continuar, pois acreditavam na viabilidade da feira.



No início, a Agroflor mantinha somente um transporte para conduzir seis famílias e a produção. Em 2002, com o aumento do número de famílias, contrataram outro carro. Mas o problema ainda permanece, pois há necessidade de mais transporte.

Para a montagem da feira havia um acordo de duas barracas por município, totalizando oito. Atualmente são 15 barracas, sendo cinco da Agroflor, três da Ama Gravatá e cinco do Sertão, número este definido pela necessidade de cada associação ao longo do tempo. As barracas foram adquiridas pelas associações através de pequenos empréstimos. Agricultores da Agroflor parcelaram o pagamento para adquiri-las. Por sua vez, o Sertão aluga as barracas para seus agricultores, mas estes têm a liberdade de comprá-las ou mandar fazer uma própria.


Com a ampliação da feira, em função da participação de novos agricultores, era preciso novamente sensibilizar os consumidores. Esse trabalho foi realizado e, a partir desse processo, os próprios consumidores passaram a fazer a divulgação da feira e começaram a perceber a importância dessa iniciativa.

Consumidores e consumidoras, que antes freqüentavam o Espaço Agroecológico do Bairro das Graças e que residiam próximos a Boa Viagem, optaram por esse novo espaço. Esse movimento aconteceu quando aumentou a diversidade da produção e como consequência de um processo de divulgação da experiência da feira do Bairro das Graças.

O processo de assessoria durante a feira, com a presença de técnicos, possibilitou a constituição de uma coordenação e um Fundo da Feira, recurso usado para a divulgação e organização do Espaço.

“A grande conquista no Espaço de Boa Viagem foi a clientela. A troca com os clientes. É muito bom. Tem cliente que traz potes para eu colocar os doces. Eu nem preciso vir comprar no Recife. Eu pago e eles compram pra mim.” (Zefinha, do Espaço de Boa Viagem)





“Para mim significa vida. O Espaço faz parte da minha vida e da minha família. É lá onde comercializamos nossos produtos, onde ganhamos o dinheirinho para nosso sustento. Se não fosse o espaço, a gente não teria onde trabalhar. Não adiantava fazer agrofloresta se não tivesse onde vender. O Espaço é uma coisa muito importante para as famílias que fazem parte dele.”
 (“Seu” Paciência, do Espaço Agroecológico de Boa Viagem)

Conquistas e dificuldades

As dinâmicas coletivas dos agricultores que participam e comercializam no Espaço Agroecológico vêm contribuindo para a ampliação do conhecimento e das relações sociais. No nível das comunidades, os vizinhos sentem-se estimulados a iniciar suas próprias experiências a partir do resultado desse trabalho.

Os resultados do processo que os agricultores vêm desencadeando está possibilitando mais autonomia em suas vidas. “*Não precisamos ser empregados*”, afirma um dos participantes da Feira. A produção possibilita não só a manutenção da família, mas também a compra de bens e equipamentos que ajudam na realização do trabalho na propriedade e o envolvimento das crianças a partir de atividades que estimulam sua participação.

Assim como nas outras experiências de comercialização, no início muitos produtos retornavam por causa da falta de consumidores, conseqüência do fraco processo de divulgação e também pela pouca diversidade da produção. Para enfrentar essas duas dificuldades, os agricultores e as organizações de assessoria realizaram uma discussão e um exercício de planejamento da produção para a comercialização, obtendo resultados interessantes.

Para divulgar a feira, os agricultores e assessorias organizaram panfletagem e outras formas de divulgação (faixas, rádio/TV, carro de som). As conversas com os clientes foram um marco para atrair as pessoas e sensibilizá-las quanto ao trabalho realizado.



Também em Boa Viagem um dos itens que mais encarece a comercialização é o transporte. Como no início o retorno econômico era insuficiente, parte do grupo dos agricultores fez acordo com um motorista para fazer o pagamento do transporte dos produtos de acordo com o lucro obtido. Esse acordo foi importante, porque, entre agosto de 2002 e janeiro de 2003, por exemplo, houve um período de escassez de chuvas que provocou a queda da produção e diminuiu a oferta de produtos e a presença dos consumidores.

Outro aspecto é a questão da guarda das barracas. Atualmente, cada agricultor transporta a sua própria barraca ou paga para outros transportarem. Há uma proposta de alugar um local em Recife para guardá-las, nos moldes da dinâmica da experiência do Bairro das Graças, mas essa alternativa ainda representa um custo muito alto para os participantes.

Como a feira funciona no espaço livre de uma rua, a infra-estrutura é limitada. Não existem condições básicas para um bom funcionamento, como, por exemplo, um banheiro público. A questão da segurança também é precária e, por esse motivo, está sendo negociado o apoio da Prefeitura da Cidade do Recife para prover segurança durante a realização da feira.

Fazendo-se um balanço final do Espaço de Boa Viagem, chega-se à conclusão de que a diversidade de produtos ainda precisa ser ampliada, na perspectiva de atrair mais consumidores e também melhorar a renda das famílias.

Participação das Famílias na Agricultura e no Processo de Comercialização

Para os agricultores, uma das questões que favorece o envolvimento dos filhos e um maior interesse pela agricultura é o aspecto da economia, e esse processo vem garantindo a participação nos lucros de acordo com o trabalho realizado.

Os jovens, em algumas situações, assumem a comercialização e, às vezes, até a própria produção, o que viabiliza a manutenção da família. Também existe um maior envolvimento das mulheres e de outros membros da família (pais, tios, crianças) no trabalho.

Em alguns casos, as mulheres se envolveram primeiro no trabalho, motivando as outras pessoas da família a participarem. Mas são elas, principalmente, que beneficiam os produtos e participam com destaque no processo de comercialização.

Experiência de Paulo Sebastião
(Paciência), Agricultor Agroflorestal
do Assentamento Serrinha, Município
de Ribeirão, Pernambuco



Paulo Sebastião da Silva, conhecido como Paciência, há três anos trabalha no sistema de agrofloresta. Antes trabalhava na agricultura tradicional. Durante muitos anos de sua vida trabalhou como assalariado, fazendo o mesmo que seu pai, ou seja, cortando cana. Sempre esteve envolvido com os movimentos sociais. Em decorrência do seu trabalho com a agrofloresta, iniciou a articulação para criar uma associação agroecológica. Paciência enfrenta a grande dificuldade de tocar sozinho a experiência. Ele revela como era o seu trabalho e mostra quais os resultados obtidos:

“Eu tinha feito um projeto pelo Banco do Nordeste. Tinha plantado 2.400 pés de banana e comprado uma vaca. Era só o que eu tinha na parcela. Então, essa banana só deu a primeira safra. Deu uns 200 pés. Quando comecei a trabalhar com esse sistema de agrofloresta, eu não tinha nada, minha área só tinha sapé e gengibre, porque eu trabalhava para os outros, na moagem da cana. Eu não tinha nem produção para vender. Depois da agrofloresta, já mudou uns 60%.

Fiquei sabendo desse sistema através do projeto Programa Nacional de Educação em Reforma Agrária (Pronea) durante o curso técnico para jovens e adultos. Foi quando chegou o Centro Sabiá e a Universidade Federal Rural de Pernambuco, através do Curso de Licenciatura Agrícola, com essa história de agrofloresta. Fizemos uma visita de intercâmbio na experiência de Jones Pereira e eu achei bonito, me interessei e comecei a fazer. Hoje, estamos com esse trabalho aí já bem divulgado, tem mais oito famílias participando e outros mais estão iniciando. A perspectiva é muito boa.

Na minha propriedade, eu trabalho só. Isso é o que a gente sempre fala, 500 anos de desistência do conhecimento da agricultura familiar, então acontece isso.

A motivação para formar uma associação aconteceu porque, quando comecei esse trabalho com agrofloresta, não tive apoio da associação de que eu participava. Aí tive que sair dessa associação para tocar esse serviço. Tentei outra associação que tem no assentamento, que também não quis dar apoio. Levamos o Centro Sabiá lá na comunidade e começamos a fazer um trabalho. Em vez de dar apoio, as pessoas

começaram a fazer críticas, e tive que sair de lá também. Então comecei a fazer a divulgação do meu trabalho e a idéia de criar essa organização. A associação já constituída tem o nome de Associação dos Agricultores Agroflorestais de Ribeirão (Aflora).

Minha vida, daqui para frente, é concluir aquilo que penso fazer nos próximos dez anos. Vou devagarinho, mas com tudo planejado antes. Vou tentar mostrar o que os agricultores daqui nunca viram, porque, além das capacitações, do que tenho visto, tento criar e fazer diferente. A própria natureza tem mostrado e ensinado, e a gente deve aprender. Porque a gente deve ter criatividade, aprender com a natureza. Pretendo, nestes 10 anos, ver minha parcela de uma ponta a outra, uma floresta com frutas, vivendo só do rendimento das fruteiras”.

Resultados das Experiências:

Mudanças Percebidas na Vida dos Agricultores

“Antes de ir para Recife comercializar, a minha vida era no sítio, dentro de casa. Eu não sabia nem falar direito. Hoje, eu me considero uma mulher liberta!” (Dona Tereza, do Espaço Agrocológico das Graças)

Um dos principais avanços do trabalho com a agrofloresta e a comercialização nos espaços agroecológicos é em relação à segurança alimentar, com mudanças significativas na alimentação do dia-a-dia dos agricultores. Essa melhoria é favorecida pela diversificação da produção de frutas, hortaliças e raízes, para a comercialização e o auto-consumo, bem como pelas capacitações e intercâmbios entre agricultores.

O processo de planejamento das unidades familiares tem possibilitado estabelecer uma oferta mais constante para a comercialização e tem garantido a melhoria na qualidade de vida, através do incremento econômico-financeiro. A entrada semanal de dinheiro proporciona momentos de lazer para a família e, como consequência, relações familiares mais harmônicas e melhor organização para o trabalho.



Além de uma maior estabilidade econômica, o dinheiro deixa de ser controlado exclusivamente pelo chefe de família. Mulheres e jovens têm acesso aos recursos. As mulheres não precisam mais sair para trabalhar como domésticas para complementar a renda familiar, sentem-se com mais autonomia porque, inclusive, não têm mais patrões. O recurso que vinha da atividade de doméstica agora vem da feira.

Um dos principais aspectos percebidos na vida das famílias é a melhoria na saúde trazida com a implementação da agricultura agroflorestal. Essa mudança é muito valorizada e marcante nos depoimentos das famílias, que citam, como exemplo, a melhoria da alimentação com a introdução do mel e do própolis, a redução de gastos com remédios e da frequência de idas aos hospitais.

As famílias percebem que as mudanças feitas em suas propriedades influenciam os vizinhos, mesmo que eles não estejam participando diretamente. Essas mudanças também têm motivado outros membros da família, até os que apresentavam mais resistência ao trabalho, em razão do seu caráter inovador e diferenciado das formas tradicionais de produzir.

Além dos aspectos citados acima, percebe-se uma maior auto-estima entre homens e mulheres. Uma satisfação pelo que fazem, uma certa profissionalização uma vez que avançam no desenvolvimento da agricultura, adquirindo novos conhecimentos e novas técnicas e tornando-se, além de agricultores e agricultoras, comerciantes.

Esse aumento da auto-estima tem impactos sobre as relações sociais das famílias, sua amplitude (com os consumidores e o poder público) e qualidade (conseguem se comunicar melhor, abordar e convencer os clientes). Sentem-se mais cidadãos, reconhecendo e conquistando seus direitos. Também percebem claramente a diferença da venda ao atravessador e aquela feita diretamente no Espaço. Essa renda adicional gerada é usada para investir no processo produtivo, no beneficiamento e geração de novos produtos, e no conforto da família.

As relações de gênero também se modificam. Experiências impulsionadas pelas mulheres permitem mudanças significativas no sistema de produção e motivam a participação dos filhos e maridos. Elas têm tido um destaque maior no transporte dos produtos e na organização das contas da família. Um dos aspectos mais bem observados pelo grupo é o fato de que as mulheres assumem a grande responsabilidade pela manutenção da casa.

As feiras e espaços agroecológicos assessorados pelo Centro Sabiá já influenciaram outras organizações. Em 1997, quando começou a experiência, não havia feiras agroecológicas em nenhuma capital do Nordeste. Hoje, em Pernambuco, há 25 feiras agroecológicas que, de uma forma ou de outra, fizeram intercâmbio com o Espaço.

Renda Familiar nos Espaços de Comercialização Agroecológica

Com o objetivo de estabelecer um recorte no que diz respeito à questão econômica no processo de sistematização do Espaço Agroecológico, foi realizada uma pesquisa sobre o custo da comercialização dos agricultores que desenvolvem Sistemas Agroflorestais em suas propriedades. Essa pesquisa abrangeu uma pequena amostra dos participantes dos três espaços de comercialização sistematizados.

O levantamento foi realizado nos meses de agosto e setembro de 2003, sendo obtidas informações referentes ao faturamento semanal dos agricultores e suas despesas correntes: transporte, fundo de feira e outros, como venda de produtos de terceiros, aquisição de sacolas plásticas e outras embalagens, gastos com manutenção das barracas, compra de batatas e bonés, e pagamentos de empréstimos pessoais feitos ao fundo de feira.

Foram esses os agricultores que participaram do levantamento:

Rafael Justino, Pedro Custódio, Antônio Custódio, João Custódio, João Elias, Cláudio e Teresa, Lourdes Negromonte, Biu Inácio, Catonho da Agroflor, e Jones e Lenir, do Município de Abreu e Lima, participantes do

Espaço Agroecológico das Graças;

Edmilson, Paulo Hermínio, Antônio Hermínio, João Biró, Zefinha, Antônio Branco, Dedé e José Assunção, todos agricultores da Agroflor, participantes do **Espaço Agroecológico de Boa Viagem.**

Noé, Ivonete, Keda, Dona Pequena e Aldecir, agricultores da Adessu, participantes da **Feira Agroecológica de Serra Talhada.**

Tabela 1 - Renda dos agricultores do Espaço Agroecológico das Graças - Período ago/set - 2003

Agricultor	Receita Bruta	Transporte	%	Produtos de Terceiros	%	Outros	%	Renda Líquida	%	Renda mensal
Rafael	3.432,00	R\$ 400,00	12%	546,00	16%	R\$ 82,00	2%	2.404,00	70%	R\$ 1.202,00
Pedro Custódio	1.043,00	R\$ 320,00	31%	-	-	R\$ 82,00	8%	641,00	61%	R\$ 320,50
Antônio Custódio	1.030,00	R\$ 320,00	31%	-	-	R\$ 85,00	8%	625,00	61%	R\$ 312,50
João Custódio	1.310,00	R\$ 400,00	31%	-	-	R\$ 86,00	7%	825,00	63%	R\$ 412,50
João Elias	4.245,00	R\$ 800,00	19%	1.405,00	33%	R\$ 200,00	5%	1.840,00	43%	R\$ 920,00
Cláudio/Teresa	4.923,00	R\$ 280,00	6%	2.499,00	51%	R\$ 40,00	1%	2.104,00	43%	R\$ 1.052,00
Lourdes	1.980,00	R\$ 280,00	14%	-	-	R\$ 42,00	2%	1.658,00	84%	R\$ 829,00
Biu Inácio	2.150,00	R\$ 280,00	13%	-	-	R\$ 107,00	5%	1.763,00	82%	R\$ 881,50
Catonho	2.448,00	R\$ 280,00	11%	-	-	R\$ 111,00	5%	2.057,00	84%	R\$ 1.028,50
Jones e Lenir	2.860,00	R\$ 200,00	7%	-	-	R\$ 78,00	3%	2.582,00	90%	R\$ 1.291,00
MÉDIA	2.542,10	R\$ 356,00	14%	-	-	R\$ 91,30	4%	1.649,90	65%	R\$ 824,95

As informações obtidas dão uma idéia aproximada da renda líquida mensal dos agricultores, uma vez que foi realizada em um período curto de tempo e com número reduzido de agricultores.

As tabelas 1 a 3 mostram a Receita Bruta Total obtida por agricultor ou família durante os meses da pesquisa. Dessa renda, são subtraídos os custos de transporte, venda de produtos de terceiros (que são produtos de agricultores sócios de uma das associações credenciadas, mas que não participam diretamente da comercialização) e outros custos, obtendo-se, assim, a Renda Líquida Total e, por fim, a renda mensal estimada. As porcentagens representam o valor de cada item em relação à Receita Total Bruta.

O Gráfico Comparativo da Renda Média obtida pelos agricultores que fazem parte da amostra reflete realidades muito distintas. Enquanto os Espaços do Bairro das Graças e de Boa Viagem estão localizados na capital do Estado, a Feira Agroecológica de Serra Talhada está localizada em um município do Sertão e sofre a concorrência da feira tradicional. Além

disso, o Espaço Agroecológico das Graças é mais antigo e por isso mais consolidado. Nas Graças, os participantes têm renda mensal média acima de R\$800,00 (equivalente a quase 3 salários mínimos que, à época, era de R\$ 300,00). No Espaço de Boa Viagem, a renda média atinge quase um salário mínimo e meio (valor da época). Além disso, esse espaço foi criado em 2001, quatro anos depois do Espaço das Graças.

Essa diferença é marcante. Recife tem uma população de um milhão e meio de habitantes, enquanto a de Serra Talhada não passa de 70 mil. O Produto Interno Bruto (PIB) (que reflete a renda gerada na cidade das diversas atividades econômicas) do Recife, em 2002, foi de R\$ 11,4 bilhões, enquanto o de Serra Talhada é 50 vezes menor, em torno de R\$ 209 milhões, ou seja, a renda bruta gerada no Recife é 50 vezes maior que a gerada em Serra Talhada. Essa realidade, face ao tempo de existência dos Espaços de comercialização, justifica em parte a diferença de renda dos grupos de agricultores e o fato de os agricultores que estão em municípios ao redor

TABELA 2. Renda dos agricultores e agricultoras do Espaço Agroecológico - Graças, acompanhados pelo Centro Sabiá no período de setembro de 1998 a agosto de 1999

Agricultores	Receita bruta anual	Custo Transporte	Outros custos	Produtos terceiros	% terceiros	Renda líquida anual	Renda familiar mensal
Cláudio/Teresa	9.100,00	1.000,00	-	5.460,00	60%	2.640,00	220,00
Cecília/Romero	6.280,00	1.000,00	-	314,00	5%	4.966,00	206,00
Pedro/Antônio C.	11.500,00	1.460,00	-	1.150,00	10%	8.890,00	444,50
Rafael	5.350,00	1.350,00	-	535,00	10%	3.465,00	288,75
Antônio/Maria	4.470,00	1.410,00	-	447,00	10%	2.613,00	217,75
Lourdes	3.810,00	900,00	250,00	381,00	10%	2.529,00	189,92
Jones/Lenir	8.560,00	1.000,00	250,00	428,00	5%	7.132,00	573,50
VALOR TOTAL	49.070,00	8.120,00	500,00	8.715,00	-	32.235,00	-
MÉDIA	5.452,22	1.160,00 (21%)	-	1.245,00 (23%)	-	4.605,00 (84%)	305,91

do Recife (com PIB inferior ao de Serra Talhada) procurarem a capital para vender seus produtos, apesar de terem no item transporte o maior elemento de custo, além do cansaço e do desgaste de uma noite sem dormir para fazer o deslocamento. Essa estratégia seria impossível para os agricultores de Serra Talhada, que está localizada a muitas horas da capital.

Além disso, Serra Talhada é um município pequeno, no Sertão de Pernambuco, onde o trabalho de sensibilização da população para o consumo de produtos agroecológicos esbarra em questões como valores culturais, financeiros e de produção.

Por outro lado, a Feira de Serra Talhada nos leva a uma reflexão sobre sua importância na economia local. Ainda que envolvendo um pequeno grupo de agricultores e agricultoras, essa Feira está diversificando a oferta de produtos na cidade, pois oferece uma gama de produtos mais adequados à saúde da população pelo mesmo preço dos produtos

tradicionais. Também gera um dinamismo rural diferenciado entre os participantes que estão mais capacitados, que se profissionalizam e desenvolvem novos potenciais.

Analisando mais de perto as tabelas de receita bruta e despesas, verificamos uma diferença considerável de um agricultor para outro. Essas diferenças se devem principalmente ao grau de diversidade dos produtos levados à feira. Normalmente, os agricultores e agricultoras que têm maior diversidade de produtos e com beneficiamento mais elaborado conseguem maior renda. Por outro lado, os agricultores com menor renda são os que comercializam basicamente hortaliças, um produto com alto custo de produção e baixo valor de mercado.

Há casos especiais também, como o de “Seu” Noé, que vende caldo de cana em Serra Talhada. Esse produto, além de ter o diferencial do beneficiamento realizado, tem grande apelo popular e cultural, pois é uma das bebidas mais apreciadas na Região.

O transporte é o item que representa, na maioria dos casos, o maior custo. Isso se dá,

Tabela 3 - Renda dos agricultores do Espaço Agroecológico de Boa Viagem - Período ago/set – 2003

Agricultor	Receita Bruta	Transporte	%	Terceiros	%	Outros	%	Renda Líquida	%	Renda mensal
Edmilson	R\$ 1.702,25	R\$ 260,00	15%	-		R\$ 132,25	8%	1.310,00	77%	R\$ 655,00
Paulo H.	R\$ 713,30	R\$ 220,00	31%	-		R\$ 103,30	14%	390,00	55%	R\$ 195,00
Antônio H.	R\$ 702,30	R\$ 220,00	31%	-		R\$ 102,30	15%	380,00	54%	R\$ 190,00
João Biró	R\$ 2.273,00	R\$ 270,00	12%	179,00	8%	R\$ 140,00	6%	1.684,00	74%	R\$ 842,00
Zefinha	R\$ 1.894,00	R\$ 270,00	14%	-		R\$ 158,00	8%	1.466,00	77%	R\$ 733,00
Antônio B.	R\$ 939,00	R\$ 220,00	23%	-		R\$ 82,50	9%	636,50	68%	R\$ 318,25
Dedé	R\$ 691,50	R\$ 270,00	39%	-		R\$ 84,50	12%	337,00	49%	R\$ 168,50
Zé Assunção	R\$ 919,25	R\$ 220,00	24%	-		R\$ 111,75	12%	587,50	64%	R\$ 293,75
TOTAL	R\$ 1.229,33	R\$ 243,75	20%	-		R\$ 114,33	9%	848,88	69%	R\$ 424,44

principalmente, pelo fato de que todos os agricultores moram em outros municípios e precisam deslocar-se até o local da feira, seja em Recife ou em Serra Talhada. Em alguns casos, para diminuir os custos com esse item, os agricultores articulam-se em grupos para a divisão das despesas de transporte.

Para outros, o maior custo é representado pela venda de produtos de terceiros. Segundo o regimento interno dos Espaços, não é permitido que um agricultor aja como atravessador, comprando produtos de outros para comercializar. Assim sendo, toda a renda obtida com a venda desses produtos é revertida para o agricultor que os produziu. Essa renda, conforme demonstração na tabela, é bastante significativa, variando de 8% a 50% do valor total da renda bruta. No caso de Cláudio e Teresa (Graças), esse valor é dividido entre duas famílias.

Outro ponto importante a observar é a porcentagem da renda que permanece com o agricultor, atingindo até 90%. Esse valor é bastante significativo, pois percebemos o retorno econômico que o agricultor e sua família estão obtendo com a mudança do sistema produtivo e com o processo de organização para a comercialização já mencionado por eles durante as Oficinas de Construção da Linha do Tempo.



Tabela 4 - Renda dos agricultores do Feira Agroecológica de Serra Talhada - Período ago/set – 2003

Agricultor	Receita Bruta	Transporte	%	Terceiros	%	Outros	%	Renda Líquida	%	Renda mensal
Noé	R\$ 626,00	R\$ 90,00	14%	-		R\$ 30,00	1%	R\$ 506,00	81%	R\$ 253,00
Ivonete	R\$ 389,00	R\$ 36,00	9%	-		R\$ 23,25	6%	R\$ 329,75	85%	R\$ 164,86
Keda	R\$ 355,00	R\$ 27,50	8%	-		R\$ 23,25	7%	R\$ 304,25	86%	R\$ 152,13
Pequena	R\$ 321,00	R\$ 43,00	13%	-		R\$ 31,40	10%	R\$ 246,60	77%	R\$ 123,30
Aldecir	R\$ 300,00	R\$ 64,00	21%	-		R\$ 30,00	10%	R\$ 206,00	69%	R\$ 103,00
MÉDIA	R\$ 398,20	R\$ 52,10	13%			R\$ 27,58	7%	R\$ 318,52	80%	R\$ 159,26

A evolução da Renda no Espaço Agroecológico das Graças

No Espaço das Graças foi realizado um levantamento no período de 1998 e 1999, com metodologia similar ao levantamento de 2003, permitindo comparar a evolução da renda de algumas famílias e da média dos participantes do Espaço.

Os agricultores que apresentaram maior salto na renda auferida foram Cláudio e Teresa, que cresceram em 378% sua renda líquida em quatro anos. O casal Jones e Lenir, que apresentam a maior renda líquida do grupo, já estavam em um patamar alto em 1999, bem acima dos outros companheiros, e viram crescer sua renda em 125% no período. Pedro Custódio e Antonio Custódio (filho e pai) tiveram o menor crescimento de renda do período, em grande parte devido a restrições de terra para plantar e ao baixo grau de beneficiamento e diversificação.

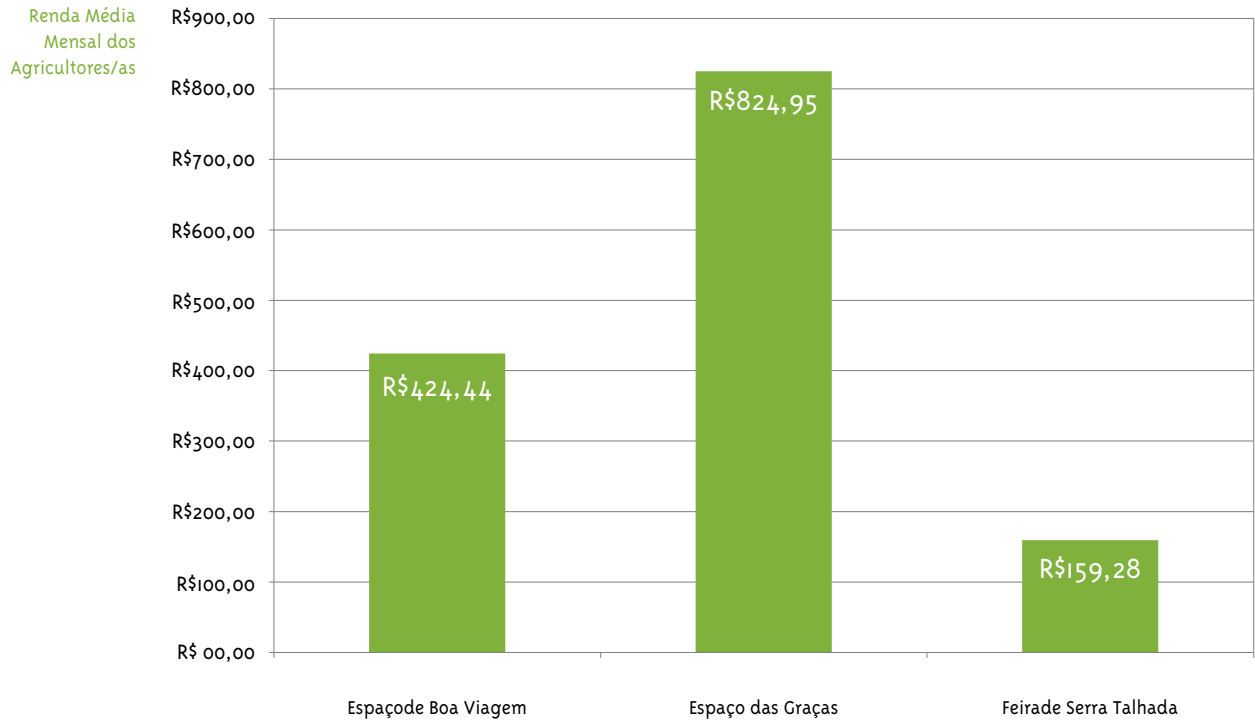
Mas, de forma geral, o resultado é muito significativo. A renda da média dos agricultores que compõem a amostra cresceu em 192% em quatro anos.

Esses resultados são significativos para as famílias, para o Centro Sabiá, mas também para políticas públicas voltadas para agricultores que atuam em áreas próximas de grandes centros urbanos. Contudo essas políticas devem encarar os desafios desse diálogo do rural com o urbano, considerando as dificuldades que os agricultores ainda enfrentam para conseguir locais para fazerem a comercialização dentro das cidades, a despeito do grande interesse dos consumidores.



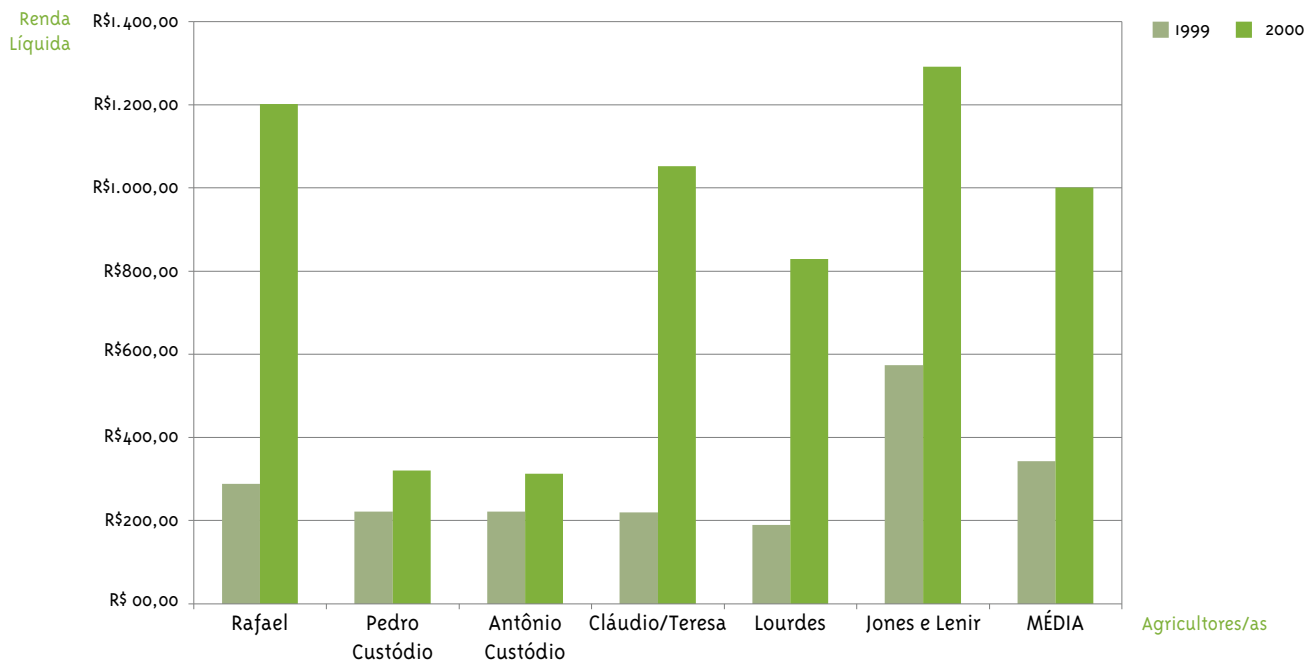
Renda Média Mensal nos Espaços Agroecológicos

Período ago/set 2003



Evolução da Renda Líquida

Período 1999/2003



Resultados da Sistematização

A prática de reflexão sobre os processos vividos não é novidade para o Centro Sabiá e os agricultores e agricultoras que, juntos, tentam construir uma nova forma de fazer a agricultura. Por isso, a metodologia da sistematização de experiências foi aplicada com relativa tranquilidade pelos participantes, que superaram a falta de tempo e as demandas do trabalho do dia-a-dia para reconstruírem parte de sua história.

Os resultados da sistematização para o Centro Sabiá foram muito significativos. A principal conclusão do grupo foi de que, sim, a sistematização tem valor não apenas pelos produtos que gera. Mas, principalmente, tem o valor das relações estabelecidas no seu processo e da possibilidade de identificar as aprendizagens e o crescimento individual e coletivo. Dessa forma, a sistematização foi novamente percebida pela entidade como um elemento de apoio a tomada de decisões. Em síntese, como instrumento de melhoria da prática.

Outro resultado da sistematização foi a incorporação de novas metodologias de trabalho. Um exemplo disso é a técnica da “Linha do Tempo”, que imprimiu uma dinâmica bastante produtiva nas oficinas de sistematização e, posteriormente, ajudou a organizar outras reflexões do grupo.

“A sistematização é algo escrito com vida.”
(Aldo, Coordenador do Centro Sabiá)



O processo da sistematização também permitiu compartilhar conhecimentos e apoiar novas experiências. Em uma oficina para construção da linha do tempo na Feira de Serra Talhada, no Município de Triunfo, foram convidados, além dos agricultores que construíram a experiência de Serra Talhada, outros agricultores que pretendem iniciar mais um espaço de comercialização. Essa dinâmica impactou fortemente os agricultores de Triunfo, que passaram a ter uma melhor percepção das dificuldades e oportunidades envolvidas nesse tipo de iniciativa à medida em que entenderam o processo de construção da Feira de Serra Talhada.

A sistematização também teve reflexos nas assembleias com os agricultores, quando, mais uma vez, o exercício da Linha do Tempo ajudou a resgatar alguns princípios estabelecidos durante a constituição do Espaço Agroecológico. A partir dessa reflexão, os agricultores resolveram retomar uma prática que haviam adotado por um certo tempo e que depois abandonaram, que era a caixa para consulta da opinião dos consumidores.

A pesquisa de renda realizada no âmbito da sistematização contribuiu para que os agricultores percebessem e refletissem sobre suas receitas e despesas. Esse fato trouxe os agricultores para mais perto da sua realidade, principalmente dos ganhos do processo, e foi um momento de inserção e ampliação de consciência.

A discussão sobre o documento de sistematização ajudou a incorporação de novos membros à equipe do Centro Sabiá, que entenderam melhor como o processo de comercialização é um elemento motivador para o trabalho com os sistemas agroflorestais.

A sistematização ajudou, também, a rever os papéis da assessoria ao processo de criação e o fortalecimento das feiras, possibilitando uma reflexão sobre a relação com os agricultores e suas associações, sempre tendo como referência a geração de autonomia das entidades e dos próprios agricultores.

A sistematização teve outro papel significativo nos novos projetos e no debate com uma das agências apoiadoras, a Organização Intereclesiástica para a Cooperação ao Desenvolvimento (ICCO), porque colocou na mesa e discutiu o que de fato está acontecendo, com mais elementos da realidade.

*“Não é fácil.
Oitenta por cento
do nosso tempo
foi investido na
prática, no fazer
com os agricultores.
Então nossa fala
é pautada pela
prática. E, de
repente, começamos
a perceber que há
muitos relatórios
e que, em alguns
momentos,
precisávamos de
informações que
não existiam.
Essas informações
estavam na cabeça
das pessoas. Por
isso, precisamos
estar com uma mão
no facão e outra
no computador,
registrando o que
está acontecendo.
Acho que podíamos
estar influenciando
mais... O poder de
influência, sem
a sistematização,
vai indo embora...”
(Aldo, Coordenador
do Centro Sabiá)*



REGIMENTO INTERNO

CAPÍTULO I

Histórico e Contexto

Art. 1 - O Espaço Agroecológico (E. A.), localizado inicialmente em Recife/PE, é um espaço onde são comercializados produtos sem agrotóxicos, e aditivos químicos, produzidos por agricultores(as) familiares. A comercialização no E. A. começou em 16 outubro de 1997 e vem sempre amadurecendo e crescendo. A fundação foi incentivada pelo Centro Sabiá de Recife e a Associação dos Amigos do Meio Ambiente de Gravatá (AMA-Gravatá). Essa integração de entidades na criação desse ponto de vendas, favoreceu uma dinâmica de melhorar as relações entre os/as produtores/as e consumidores/as, na valorização do agricultor(a) e do produto agroecológico e na eliminação do papel do atravessador(a) na comercialização.

Inicialmente o Espaço Agroecológico consistiu de agricultores/as de 04 municípios do estado de Pernambuco: Bom Jardim, Gravatá, Chã Grande e Abreu e Lima, e 01 (uma) pessoa do município de Campina Grande/PB. Sendo um espaço pequeno, o E. A. funcionou nos primeiros 02 anos como se fosse uma grande família. Durante esse período, a administração do E. A. foi feita informalmente. Com o crescimento, porém, veio a necessidade de formalizar a administração e ao mesmo tempo construir um regimento interno.

Durante 1999 e 2000, foram tomadas várias decisões importantes sobre a administração do E. A. Com essas decisões registradas nas atas das Assembléias Gerais e das reuniões da Coordenação, facilitou a organização dessas decisões num documento só. Além disso, a comissão responsável para elaborar uma proposta de Regimento Interno

adotou algumas normas do Manual de Certificação da Associação de Agricultura Orgânica (São Paulo, 1998) e das Diretrizes para o Padrão de Qualidade Orgânico "Instituto Biodinâmico" (8ª Edição). Agradecemos a autorização dessas entidades de usar suas normas e diretrizes.

Queremos que este documento seja usado para esclarecer dúvidas e também como uma importante ferramenta para o crescimento do trabalho, não só da comercialização, mas também do trabalho que é realizado em cada município pelas organizações e associações com relação à produção, que é sempre baseada em propostas ecologicamente sustentáveis.

Cada espaço de comercialização que for criado com o nome e logomarca "Espaço Agroecológico" obedecerá a este Regimento Interno.

CAPÍTULO II

Dos Objetivos/Princípios

Art. 2 - Desde o início, os objetivos/princípios do E. A. foram os seguintes:

- I -** Incentivar, apoiar e difundir uma forma de agricultura ecológica e economicamente sustentável, e que seja socialmente justa;
- II -** Incentivar a agricultura familiar;
- III -** Comercializar diretamente para o consumidor, criando novas relações sociais;
- IV -** Promover o intercâmbio entre as diversas instituições ligadas ao trabalho com agricultura familiar sustentável;
- V -** Assumir os compromissos que são tratados de forma coletiva;
- VI -** Valorizar as decisões coletivas do grupo do espaço agroecológico.

CAPÍTULO III

Das Arrecadações

Art. 3 - O Fundo

I - O Fundo do E. A. é uma contribuição dada por cada sócio/a que comercializa diretamente ou que envie produto para o E. A.;

II - Cada espaço de comercialização que for criado com o nome de Espaço Agroecológico terá seu Fundo próprio.

III - Os recursos arrecadados pelo Fundo serão utilizados para a manutenção e o melhoramento do Espaço, sempre priorizando as necessidades mais urgentes;

IV - O Fundo é composto por uma taxa de adesão para cada produtor novo que for comercializar no E. A. Os agricultores com barraca na feira pagarão 100% da taxa de adesão. Os agricultores que mandarão seus produtos pagarão 50% da taxa quando começam a mandar seus produtos e 50% quando vierem a montar sua barraca própria de comercialização. A taxa de adesão não será devolvida se, por qualquer motivo, o agricultor deixar de participar ou de mandar seus produtos para o E. A. e o seu valor será de R\$ 50,00 (CINQUENTA REAIS);

V - Será cobrada semanalmente uma taxa, cujo valor é estipulado consensualmente em Assembléia Geral e registrado em ata de cada produtor que comercializa no E. A. Essa taxa também é cobrada dos/as produtores/as que enviam seus produtos (referente a 50% do valor da taxa que paga o feirante; ex. se o feirante paga R\$ 2,00 quem mandou produtos pagará R\$ 1,00) e que são vendidos como de "terceiros", de acordo com a definição de terceiro aprovada pela Assembléia do E. A. , que é aquele produtor/a que pratica agricultura dentro das orientações de produção orgânica ou agroflorestal, e que seja ligado/a a uma instituição/associação local que atue dentro das mesmas orientações;

VI - Uma taxa, cujo valor é estipulado consensualmente em Assembléia Geral e registrado em ata será cobrada semanalmente de cada produtor para cobrir despesas segundo os custos de cada espaço de comercialização que leve o nome de E. A. ;

VII - A ausência eventual do participante ao E. A., ainda que causada por motivos alheios a sua vontade, não o dispensa do pagamento da taxa semanal;

VIII - Os valores cobrados serão discutidos e definidos anualmente, sendo estabelecidos pelos sócios do E. A., e aprovados nas Assembléias Gerais;

IX - A arrecadação do Fundo do E. A. será feita pelo tesoureiro do E. A.; devendo este prestar contas nas reuniões da coordenação e nas Assembléias Gerais;

X - O Fundo poderá ser usado ainda como empréstimo ou ajuda de emergência, em casos de extrema necessidade de algum/a sócio/a do E. A., desde que a solicitação seja direcionada ao trabalho na propriedade ou a aspectos de comercialização. A solicitação será discutida e aprovada pelo grupo, tendo a coordenação o papel de liberar o recurso.

CAPÍTULO IV

Dos Produtos, Preços, Feirantes e Barracas

Art. 4 - Produtos

I - Todos os produtos comercializados no E.A. deverão ser produzidos por agricultores/as sócios/as de organizações/associações locais que estejam credenciadas pelo E. A.;

II - Em casos específicos, a serem avaliados pelo E.A., poderão ser credenciadas organizações regionais ou instituições que representem os agricultores, quando estes ainda não estiverem organizados em associações próprias específicas, por um período não superior a um ano. Ao fim deste período os agricultores participantes do E. A. devem estar organizados em associações locais e específicas devidamente constituídas, que poderão ser credenciadas pelo E. A.

III - A produção desses produtos deverá ser feita respeitando os critérios de produção orgânica ou agroflorestal e, caso os produtores praticassem a agricultura convencional anteriormente, deve ser respeitado, nas áreas de produção agroecológica, o período de transição de pelo menos um ano antes do produto poder ser comercializado no E.A.

IV - Tanto os produtos de origem animal quanto os produtos beneficiados devem ser produzidos segundo os princípios estabelecidos pelo grupo de produção animal e pelo grupo de beneficiamento da produção;

V - **Cada associação/entidade local ou instituição que representa os agricultores deve fornecer periodicamente à Coordenação do Espaço Agroecológico uma lista de todos os produtos produzidos por todos/as os/as sócios/as que participam do E. A.**

Art. 5 - Apresentação dos produtos

I - Sejam frutas, verduras, remédios caseiros ou produtos beneficiados, sua apresentação é de suma importância. Sendo necessário uma boa apresentação do produto na barraca, para atrair clientes e também mostrar o profissionalismo dos produtores do E. A. Apesar da uniformidade das barracas, cada produtor tem livre oportunidade para expressar seu estilo e caráter individual;

II - É recomendado que seja feita uma seleção prévia ao processo de comercialização, considerando que apenas deve ser levada mercadoria de qualidade;

III - Os produtos comercializados devem ser apresentados com o nome e o respectivo preço;

IV - **Evitar que os produtos sejam expostos no chão, o que pode comprometer a comercialização, em função da falta de higiene, da dificuldade do/a consumidor/a em separar o produto e também para melhorar o fluxo das pessoas no E. A.**

Art. 6 - Tabela de preços

I- Os preços dos produtos agroecológicos vendidos no E.A. serão discutidos a partir de pesquisa realizada nos supermercados e nas feiras livres no grande Recife, e discutidos nas reuniões da Coordenação e Assessoria, e aprovados pela Assembléia Geral, ficando aberto para a participação do/a consumidor/a;

II- Um dos princípios do E. A. é que todos os participantes venderão seus produtos com um preço justo que não varie bastante durante o ano;

III- O E. A. sempre terá uma tabela de preços, a qual receberá uma avaliação de no mínimo a cada

06 meses. A tabela apresenta um preço máximo e mínimo para todos os produtos. A variação pode refletir diferenças em tamanho e quantidade da mercadoria;

IV- Os preços estabelecidos na tabela deverão ser aplicados por todos/as os/as sócios/as que estão comercializando, nunca aplicando preços fora do estabelecido;

V- Será afixada uma tabela de preços em cada barraca, com os produtos que são vendidos pela mesma.

Art. 7 - Apresentação dos Feirantes

I - A apresentação de cada família no E. A. é importante para uma boa identificação por parte do/a consumidor/a.

Parágrafo 1º- O participante deve:

- Usar camisa branca, bata, boné ou bandana, lenço, e crachá padronizados;
- Ter bom comportamento - simpático, feliz, sensível, colocando o cliente em primeiro lugar;
- Manter ao máximo o respeito e a civilidade.

Art. 8 - Ficha de Produção

I - **Cada associação/entidade local deverá fornecer semanalmente à Coordenação do E.A. uma ficha contendo informações sobre a espécie/ tipo de produto, o volume de produtos trazidos, volume comercializado e o preço que foi vendido, isso para um melhor monitoramento do E. A.;**

II - **Essa ficha deverá ser fornecida à cada associação/entidade local pela Coordenação e Assessoria do E. A.**

Art. 9 - Barracas

I- As famílias devem possuir barracas, que podem ser individuais ou coletivas, sempre padronizadas conforme modelo estabelecido pelo Espaço Agroecológico.

Parágrafo 1º - O participante deve :

- Manter a barraca sempre limpa e em bom estado de conservação;
- Utilizar o toldo e a saia na barraca;
- Ser responsável pela manutenção periódica de sua barraca.

CAPÍTULO V

Dos grupos de Produção

Art. 10 - Nas várias reuniões do grupo, foram elaborados pelos/as agricultores/as princípios orientadores de produção para os grupos de: Produção vegetal, Produção animal e Produtos Beneficiados.

I - Grupo de Produção Vegetal

Toda família de agricultor deve procurar:

- Trabalhar na propriedade sempre buscando o equilíbrio ambiental, respeitando, conservando e recompondo os recursos naturais;
- Aproveitar ao máximo possível os insumos produzidos a partir dos recursos disponíveis na propriedade;
- Planejar a propriedade na perspectiva de planejar e diversificar a produção, introduzindo na propriedade espécies para: consumo da família, comercializando o excedente; produção de matéria orgânica; alimentação animal e reflorestamento;
- Preservar e ter cuidado especial com as fontes de água, buscando recompor a mata ciliar (no entorno dessas fontes, córregos, riachos, açudes, barragens);
- Plantar na propriedade espécies para: construções, cercas vivas, quebra vento, lenha/energia, adubação verde (leguminosas), cobertura morta e viva e pasto para abelha;
- Plantar espécies consideradas repelentes para ajudar a afastar os insetos das lavouras, como também para a produção de defensivos naturais, como por exemplo: cravo de defunto, arruda, nim, hortelã, urtiga, pimenta, alho cebola, sisal, angico, pinha, fumo (desde que produzidas nas propriedades orgânicas);
- Dar prioridade na produção, troca e aquisição de sementes orgânicas e de variedades (não híbridas);
- Usar defensivos naturais e bio-fertilizantes líquidos, para nutrição, prevenção e controle de pragas e doenças nas lavouras, como

por exemplo: supermagro, calda bordalesa, macerado de nim, óleo de sementes de nim, urina de vaca, óleo mineral, macerado de angico, macerado de fumo (desde que produzido na propriedade), urtiga, pimenta, bacillus turigiensis, fermento biológico;

- Dar prioridade ao uso direto de: esterco de animais criados de forma orgânica, farinha de ossos auto-clavada, torta de mamona, calcário dolomítico e calcítico, pó de gesso, cinzas de madeira, farinha de chifres, fosfatos naturais, vermicomposto (húmus de minhoca), composto orgânico, bokashi, pó de rochas, micronutrientes (sulfato de cobre, sulfato de manganês, bórax, molibdato de sódio, sulfato de zinco, sulfato de ferro) nos biofertilizantes (super-magro);
- Priorizar práticas agroflorestais, em áreas com declive acima de 50%, com faixas de retenção;
- Manter ou implantar na propriedade, pelo menos:

10% de sua área total, uma reserva agroflorestal, no 1º ano
15% de sua área total, uma reserva agroflorestal, no 2º ano
20% de sua área total, uma reserva agroflorestal, no 3º ano
ou 20% de sua área total, uma reserva florestal, priorizando ostopos e encostas;

- Buscar utilizar a irrigação de forma ecologicamente sustentável - priorizando os sistemas de gotejamento e micro-aspersão, sem desperdícios e utilizando os horários mais frescos do dia (começo da manhã e final da tarde);
- Realizar na propriedade, práticas de conservação de solo, como por exemplo: curva de nível, plantio (direto) na palha, cobertura morta, faixas de retenção, patamar de pedras, terraceamento, rotação de culturas com leguminosas e plantio misturado;
- Consultar os técnicos das entidades parceiras sobre quaisquer usos de produtos e práticas que não estejam descritas nessas normas de produção vegetal.
- O lixo da propriedade deve ser reduzido, reutilizado e reciclado o máximo possível.

Toda família de agricultor está proibida de:

- Usar produtos químicos industrializados (agrotóxicos e adubos) na propriedade;
- Usar fogo como prática agrícola e queima de lixo doméstico;
- Usar defensivos à base de substâncias derivadas de produtos químicos, como por exemplo: querosene, sabão em pó, sabão que contenha soda caustica, creolina, água sanitária, óleo de motor;
- Plantar de ladeira a baixo (desde que em casos específicos, com orientação técnica de cultivos com faixas de retenção);
- Usar produto químico para amadurecer os frutos, como por exemplo: carbureto na banana, etrel no abacaxi; etc.;
- Usar adubos orgânicos derivados de animais que tenham sido alimentados ou tratados com ração que contenham componentes químicos nocivos a saúde, como por exemplo: cama de galinha (frango de corte e postura); esterco de gado de criação convencional onde se usa herbicida que recebe hormônio;
- Colher frutos verdes (sem estar de vez ou maduros) para comercializá-los.

II - Grupo de Produção Animal**Toda família de agricultor deve procurar:**

- Sempre que possível criar animais contribuindo para cobrir a demanda de adubo animal da atividade agrícola da propriedade, observando a capacidade de suporte da pastagem;
- Criar animais, respeitando o seu comportamento natural por exemplo: galinha cisca a terra; porco fuça a lama; coelho cava a terra; vaca pasta;
- Procurar adquirir animais de criações orgânicas. No caso de adquirir animais de criações convencionais, obedecer aos limites de idade:

Frangos para Carne	30 dias
Suínos	60 dias
Galinhas poedeiras	150 dias
Outras Aves	30 dias
Caprinos / Ovinos	90 dias

- Construir instalações com estrutura adequada para cada tipo de criação, conservando-as sempre limpas e desinfetando-as periodicamente no intervalo de 3 meses, com cal virgem ou lança chamas em ambientes fechados;
- Trabalhar na perspectiva de manejar a propriedade o quanto possível para a auto-suficiência total de alimentos, primando pela diversificação nutricional alimentar indispensável aos animais;
- Planejar a produção de alimentos na propriedade, compatível com o número de animais;
- Promover práticas de conservação de alimentos (fenação, silagem) para o período de verão;
- Utilizar complementos minerais, como: sal grosso, sal mineral, sal marinho, fosfato bicálcico, pó de rocha e melação de cana orgânica;
- Cultivar na propriedade plantas medicinais e da flora nativa que possam ser utilizadas na fabricação de medicamentos alternativos;
- Trabalhar na perspectiva da reprodução animal ser realizada de forma mais natural possível, sendo tolerado a princípio a inseminação artificial como primeiro passo para a melhoria genética dos animais.
- Alimentar os animais com pelo menos:

50% da alimentação orgânica produzida na propriedade, no 1º ano

60% da alimentação orgânica produzida na propriedade, no 2º ano

70% da alimentação orgânica produzida na propriedade, no 3º ano

80% da alimentação orgânica produzida na propriedade, no 4º ano

90% da alimentação orgânica produzida na propriedade, no 5º ano

100% da alimentação orgânica produzida na propriedade, no 6º ano
--

- Na criação de galinhas caipiras, os pintos só poderão ser alimentados com ração concentrada de 01 (um) até 30 (trinta) dias de vida. Depois deste período a alimentação deverá ser da própria propriedade;

- Na criação de galinhas, trabalhar na perspectiva de criar animais de capoeira, de terreiro;
- Na criação de abelhas, observar se em um raio de 1,5 quilômetros existe alguma plantação onde a florada predominante seja pulverizada com agrotóxicos (em áreas próximas a cultivo de plantas que recebem agrotóxicos, deve observar o período de pulverizações, para não ser colhido o mel daquela safra);
- Realizar prática de mochação e castração apenas em animais jovens;
- Consultar veterinário credenciado para a prática da descorna, e para aplicação das vacinas obrigatórias, com definição do período de carência;
- Consultar veterinário credenciado para utilização de medicação alternativa – fitoterapia e homeopatia, contra doenças e parasitas;
- Consultar os técnicos das entidades parceiras sobre quaisquer usos de produtos e práticas que não estejam descritas nessas normas de produção animal.

Toda família de agricultor está proibida de:

- Realizar a transferência de embriões em suas criações;
- Criar animais de forma totalmente confinada;
- Utilizar telha de amianto na criação de abelhas;
- Utilizar hormônios, promotores de crescimento ou outros produtos sintéticos;
- Alimentar animais com ração a base de proteína animal (cama de galinha de granja, farinha de sangue e pó/farina de ossos);
- Alimentar animais com ração concentrada de origem não orgânica;
- Usar creolina para desinfecção das instalações.

III - Grupo dos Produtos Beneficiados

- Os produtos beneficiados a base de produtos que não são produzidos na propriedade só poderão ser comercializados no espaço agroecológico até junho de 2002, tendo em vista que alguns produtos que estão sendo beneficiados tem procedência duvidosa, como: soja, arroz, milho, gergelim, farinha de trigo, açúcar, levando a pessoa a procurar produzir seu próprio produto;

- Alguns produtos que não se consegue produzir na nossa região, pode ser adquirido desde que se tenha certeza da sua procedência (produzido sem química, e produzido pela agricultura familiar);
- A higiene é indispensável no beneficiamento dos produtos;
- Trabalhar na perspectiva de evitar o uso de panelas (vasilhas) e embalagens que prejudiquem o meio ambiente e a saúde das pessoas e que não deixem resíduos tóxicos, como: alumínio, plástico, isopor, etc;
- Na fabricação de bolos, tortas, etc, só poderão ser usados ovos de galinha capoeira;
- Só poderá ser usado fermento biológico (fresco ou seco), bicarbonato de sódio e sal marinho;
- Na fabricação dos produtos só deverá ser usado como adoçante, o açúcar mascavo, açúcar demerara, rapadura orgânica, mel de engenho orgânico, ou mel de abelha, todos de procedência conhecida;
- Só é permitido o uso de gorduras, como a manteiga de cor clara e de boa qualidade, o óleo de girassol, de gergelim, babaçu, milho, arroz e dendê;
- A água usada na fabricação de sucos, doces, chás, café, deverá ser mineral ou potável, sempre de boa qualidade;
- Na produção de tinturas, bebidas, remédios, e perfumes utilizar somente álcool de cereal;
- Proibido o uso de forno microondas ou semelhantes;
- Os produtos beneficiados deverão ser rotulados, contendo os ingredientes, prazo de validade, quantidade/peso, etc.

CAPÍTULO VI

Das Assembléias, Coordenação e Assessoria

Art. II - Assembléias

- I - As assembléias são o órgão supremo do E. A., podendo tomar qualquer decisão de interesse do E. A., dentro dos limites legais deste regimento interno;
- II - A Assembléia reunir-se-á, ordinariamente, três (03) vezes por ano e extraordinariamente, sempre que for julgado conveniente;

III - A instalação das Assembléias será feita em 1ª convocação com metade dos/as sócios/as, e em 2ª com a quantidade de sócios/as presentes, sendo todas as deliberações tomadas por maioria simples de votos dos/as associados/as presentes em condições de votar;

IV - A Assembléia Extraordinária será convocada através de um pedido da Coordenação ou da Assessoria, ou ainda por no mínimo 1/3 dos/as sócios/as que participam diretamente da comercialização. Os/as sócios/as devem ser comunicados/a com oito dias de antecedência;

V - O que ocorrer nas Assembléias deverá constar de ata aprovada e assinada pelos membros da Coordenação e pelos/as sócios/as presentes.

VI - Deve participar das Assembléias pelo menos um/a (oi) sócio/a de cada família que esteja presente regularmente no E. A. e das famílias que estão enviando produtos;

VII - No caso de falta do/a sócio/a, a Coordenação é responsável por avaliar a justa causa da ausência;

VIII - O sócio que faltar a Assembléia Geral, sem justificativa, será afastado por quinze dias das atividades comerciais (duas feiras consecutivas), como também seus produtos não poderão ser comercializados nas feiras do E.A. durante este período.

IX - É obrigatória a presença dos membros da Coordenação do E. A., e das associações locais nas Assembléias Extraordinárias e Ordinárias, e a falta deverá ser avaliada pela própria Coordenação do Espaço Agroecológico.

Parágrafo 1º - Compete à Assembléia

- a) Organizar e votar o relatório do balanço financeiro feito pela tesouraria;
- b) Levar ao conhecimento de todos/as os/as sócios/as, as definições das reuniões da Coordenação e da última Assembléia através da leitura das atas;
- c) Propiciar a assinatura do livro de presença;
- d) Aplicar as penalidades previstas aos membros da assessoria, coordenação e sócios do E. A. por não cumprimento do regimento interno;
- e) Favorecer/apoiar/incentivar o intercâmbio de recursos genéticos (sementes, mudas, estacas, etc).
- f) Instituir novos espaços agroecológicos desde que seja discutido, acordado e aprovado

consensualmente entre todas as instituições parceiras;

g) Discutir sobre a formulação do regimento interno;

h) Discutir e votar os casos omissos.

Art.12 - Coordenação

I - Cada espaço de comercialização que for criado com o nome "Espaço Agroecológico" terá Coordenação própria, subordinada à Assembléia.

II - Os membros do grupo da Coordenação de cada E.A. serão indicados em reunião das Coordenações e Assessoria, submetidos à aprovação da Assembléia, seguindo alguns critérios, entre eles, de ter um (oi) representante por cada município representado no E.A., ter a participação de mulheres e jovens, ter capacidade de argumentação, assumir os compromissos que lhes couber, estar participando do Espaço Agroecológico há pelo menos 06 meses, entre outros;

III - O período de mandato é de dois (02) anos, com apenas 1/3 podendo ser reeleito para o mesmo cargo;

IV - A coordenação será composta por seis (06) pessoas, sendo três (03) titulares e três(03) pessoas de apoio, ocupando os cargos/funções de Coordenador, Tesoureiro e Secretário.

V - As Coordenações de cada Espaço Agroecológico se reunirão a cada 45 dias, contando com a presença da Assessoria, conforme período definido pela própria coordenação e registrado em ata.

Parágrafo 1º - Compete ao/a Coordenador/a de cada Espaço Agroecológico:

- Convocar e presidir as reuniões da Coordenação e Assembléia;
- Supervisionar o bom andamento das feiras;
- Preparar as pautas das reuniões;
- Apoiar quando necessário outras atividades que não estão explicitadas.

Parágrafo 2º - Compete ao/a Tesoureiro/a

- Promover a arrecadação do fundo, contribuições ou quaisquer valores e pagamentos autorizados;
- Administrar os recursos de acordo com o regimento interno, e mantê-los disponíveis em caixa;

- Prestar contas nas Reuniões da Coordenação e nas Assembléias por escrito para cada entidade parceira;
- Zelar pelos livros e documentos de contabilidade do E. A. que é responsável;
- Apoiar quando necessário outras atividades que não estão explicitadas;
- Providenciar o registro para abertura de conta quando necessário.

Parágrafo 3º - Compete ao/a Secretário/a

- Secretariar e lavrar as atas das Reuniões da Coordenação, Assembléias do E. A., responsabilizando-se pelos seus livros, documentos e arquivos;
- Apoiar quando necessário outras atividades que não estão explicitadas.

No final de cada ano, a coordenação fará o calendário das Assembléias devendo repassar por escrito as datas aos/as sócios/as do E. A. na última Assembléia do ano vigente. No caso de mudança de data de alguma Assembléia, os/as sócios/as devem ser comunicados com no mínimo oito (08) dias de antecedência, conforme período definido pela própria coordenação e registrado em ata.

Art. 13 - Assessoria

I - A Assessoria é a instância de apoio a Coordenação do E. A., e é composta por instituições/associações que trabalham com agricultura familiar sustentável e que fazem parte do conjunto de entidades parceiras do E.A.

Parágrafo 1º - Papel da Assessoria

- Apoiar/coordenar atividades necessárias ao bom funcionamento do E. A.;
- Formular estratégias para o E. A, juntamente com as coordenações;
- Favorecer a articulação com outros setores da sociedade civil;
- Favorecer o marketing do E. A, juntamente com as coordenações.

CAPÍTULO VII

Dos Sócios, Direitos e Deveres

Art. 14 - Os/as sócios/as do Espaço Agroecológico são as famílias de agricultores que produzem de forma agroecológica, são ligados/as a instituições/associações locais, e participam de forma direta do processo de comercialização, tendo poder de voto nas Assembléias e Reuniões. As famílias que mandam produtos, também são consideradas sócias, mas sem poder de voto nas Assembléias e Reuniões.

Art. 15 - Direitos dos/as Sócios/as

- I - Todos/as os/as sócios/as das entidades parceiras do E.A. tem o direito de comercializar no espaço agroecológico, desde que se enquadrem nos princípios estabelecidos por este regimento interno;
- II - Participar da Coordenação do E. A.;
- III - Votar e ser votado.

Art. 16 - Deveres dos/as Sócios/as

- I - Fazer cumprir as normas deste regimento;
- II - Participar das capacitações, reuniões e Assembléias organizadas pelo E.A.;
- III - Colaborar no processo de organização do E. A.;
- IV - Manter a organização no início e no final das feiras, o bom estado e a higiene do local;
- V - Supervisionar a boa apresentação dos feirantes;
- VI - Tratar com educação todos os/as consumidores do E. A.;
- VII - Participar das reuniões convocadas ao final das Feiras;
- VIII - Não jogar sua produção não comercializada (sobras) no lixo;
- IX - Praticar preços estabelecidos na tabela do E. A.;
- X - Não vender produtos de terceiros que não estejam ligados às associações/entidades aprovadas pelo E.A.;

CAPÍTULO VIII

Das Capacitações

Art. 17 - A capacitação dos/as agricultores/as é um ponto importante para o crescimento qualitativo do Espaço Agroecológico, e acontecerão sempre que se julgar necessário, conforme demanda por temática, sendo promovidas pelas Instituições parceiras ou por outras articuladas pela Coordenação ou Assessoria.

Parágrafo 1º- A participação nas capacitações deve ser prioridade de todos/as os sócios/as, sendo que em algumas a participação é obrigatória a todas as pessoas que estão comercializando de forma direta, enquanto que em outras, a participação pode ser por afinidade.

CAPÍTULO IX

Das Penalidades e Exclusão

Art. 18 - Os/as sócios/as do E. A. conforme o seu comportamento poderão sofrer penalidades, tais como suspensão da comercialização ou outras que forem julgadas necessárias conforme a gravidade, ou até serem excluídos do processo de comercialização.

Parágrafo 1º - O participante poderá ser penalizado por:

- Não cumprir as deliberações deste regimento.

Parágrafo 2º- Procedimento de Exclusão

- Inicia-se com uma denúncia formal ou constatação feita por qualquer sócio/a do E.A., instituição parceira ou pela comissão de monitoramento, ou consumidor, que deverá ser avaliada em primeira instância pela instituição parceira local, que deverá tomar as medidas cabíveis. Caso a instituição local se omita, a denúncia deverá ser apurada pela Coordenação e Assessoria e repassada aos demais sócios/as do E.A. através de uma Assembléia aonde se votará a relevância da denúncia.

- A coordenação do E. A. ou instituição parceira local fará um comunicado por escrito, colocando o motivo da sua exclusão.

- A instituição parceira local que se omitir na apuração e resolução da denúncia sofrerá punição cabível pelo E.A.

- PUNIÇÕES PARA AS INSTITUIÇÕES: afastamento temporário do processo de coordenação e assessoria; perder o direito de participar da coordenação e assessoria, dessa forma sendo excluído do E.A.

- O agricultor afastado ou excluído de uma associação parceira deverá ser imediatamente dissociado do Espaço Agroecológico

- PUNIÇÕES PARA OS/AS SÓCIO/AS: os/as sócios/as agricultores que cometeram infração poderão ficar impedidos de durante um período definido pela coordenação e assessoria de comercializar sua produção

CAPÍTULO X

Das Disposições Gerais

Art. 19 - Os casos omissos neste Regimento Interno serão discutidos pela Coordenação e Assessoria do Espaço Agroecológico, e colocados para apreciação e votação em Assembléia Geral.

Art.20 - A logomarca do Espaço Agroecológico, em processo de registro e patenteamento na Empresa Pernambucana de Marcas e Patentes, só poderá ser utilizada pelas instituições parceiras do E.A, mediante o regido no capítulo VI, artigo II, parágrafo 1º, inciso VI.

Lido, discutido e aprovado pelos/as sócios/as presentes à Assembléia Geral, realizada no município de Abreu e Lima - PE, em 30 de março de 2004.

Última modificação (12.09.2005)

Anexo 02

Entidades Parceiras

Serta

O **Serviço de Tecnologia Alternativa (Serta)** é uma organização não governamental que há 16 anos atuação. Sua sede fica no município de Glória de Goitá, interior de Pernambuco. Sua atuação se dá no campo da mobilização, organização e capacitação de produtores rurais, de educadores da rede pública, monitores de projetos sociais (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – Peti), na animação e organização comunitária, visando à construção de políticas públicas voltadas para o desenvolvimento sustentável das comunidades rurais do Nordeste do Brasil. Em 2002 o Serta passou, juridicamente, a ser uma Oscip (Organização da Sociedade Civil de Interesse Civil).

Texto retirado do site da entidade: www.serta.org.br

Ver pag. 38
Espaço Agroecológico
de Boa Viagem



Ver pag. 32
Feira Agroecológica
de Serra Talhada

O **Centro de Educação Comunitária Rural do Pólo Sertão Central (Cecor)** é uma organização não governamental, fundada em agosto de 1992, por agricultores e agricultoras, principalmente lideranças sindicais do Sertão Central de Pernambuco, tendo como principal objetivo desenvolver, implantar, sistematizar e difundir experiências, utilizando tecnologias adaptadas à região, para melhor convivência com o semi-árido.

O Cecor possui 21 sócios e a Assembléia Geral é a instância máxima de deliberação. Sua direção é composta por um Conselho Colegiado que se divide em Conselho Diretor (Coordenador Geral, Secretário

Executivo e Secretário de Finanças) e um Conselho Fiscal.

Atualmente o trabalho da Cecor está focado em dois eixos temáticos: Convivência com o Semi-árido e Acesso ao Mercado. O primeiro está voltado para as abordagens que envolvem a intervenção nas áreas da Criação de Pequenos Animais, Conservação e Recuperação de Solos, Manejo da Caatinga, Horticultura Orgânica e Implantação de Sistemas Agroflorestais (Saf's) e Recursos Hídricos, considerando inclusive a questão da Segurança Alimentar.

O segundo eixo está voltado para as ações de acesso ao mercado por parte de agricultores/as familiares, especialmente praticantes da agroecologia, e o fortalecimento das organizações comunitárias e suas vertentes.

Amas/NE

Ver pag. 14
Espaço
Agroecológico do
Bairro das Graças

A **Associação Menonita de Assistência Social do Nordeste (Amas/NE)**, com sede no Recife, é uma organização de desenvolvimento não governamental e sem fins lucrativos, que visa cumprir o trabalho social da Igreja Menonita na Região Nordeste do Brasil.

A Amas/NE, presente em Pernambuco desde 1968, é formada por uma equipe de pessoas da América do Norte e do Brasil, oriundas de diferentes igrejas cristãs e engajadas em várias áreas de serviços segundo seus interesses, experiências e formações técnicas. Atualmente, seus técnicos atuam no Recife e na Região Agreste do Estado.

O trabalho da entidade objetiva transformar a realidade através de um processo educativo e de apoio às igrejas cristãs e organizações afins do movimento popular.

A Amas/NE tem seu foco de trabalho nas áreas de educação (Projeto Criança), assistência social (reciclagem de lixo e apoio a vítimas do hiv/aids), desenvolvimento econômico (microcrédito), agricultura orgânica (assistência técnica) e recursos hídricos (construção de cisternas).

Informações retiradas do Panfleto da entidade

Ama Gravatá

A Associação dos Amigos do Meio Ambiente de Gravatá (Ama Gravatá)

é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, ambientalista que defende a conservação e preservação da natureza, que atua em Gravatá, Agreste de Pernambuco, desde 1997.

Suas principais atividades são desenvolvidas nas áreas rural e urbana do município. Na área rural é pioneira na implantação da agricultura familiar orgânica, na organização da propriedade, da produção e comercialização de produtos orgânicos. Na área urbana, desenvolve diversas atividades, principalmente na área de educação ambiental informal. Destaca-se entre as suas iniciativas, a Semana do Meio ambiente, no mês de junho, onde acontecem palestras, oficinas, passeatas, plantio de mudas, entre outros.

Ver pag. 38

Espaço Agroecológico de Boa Viagem



A Associação de Desenvolvimento Rural Sustentável da Serra da Baixa Verde (Adessu Baixa Verde) é uma associação sem fins lucrativos. Ela foi fundada em 8 de setembro de 1996 por um grupo de agricultores e agricultoras que receberam o incentivo de diversas organizações parceiras. A Adessu atua na Serra da Baixa Verde, nos municípios de Triunfo e Santa Cruz da Baixa Verde, estado de Pernambuco.

Um dos objetivos da entidade é fortalecer a organização dos agricultores e agricultoras familiares contribuindo no desenvolvimento de uma agricultura ecologicamente sustentável e na construção de um modelo de desenvolvimento agrícola ecologicamente sustentável.

Sua missão é contribuir de forma participativa para o desenvolvimento sustentável através da agricultura agroflorestal, da educação ambiental e da educação cultural, envolvendo toda a família no exercício da cidadania.

O trabalho é desenvolvido pela coordenação da entidade, os associados e associadas, a equipe técnica e um grupo de difusores, definindo algumas linhas de ação: sistemas agroflorestais, recursos hídricos, Crianças, adolescentes e jovens, beneficiamento e comercialização da produção agroecológica, criação de pequenos animais, assessoria a outras organizações, políticas públicas e educação ambiental.

Ver pag. 32

Feira Agroecológica de Serra Talhada



Ver páginas 31, 38, 41 e 48

A Associação de Agricultores e Agricultoras Agroecológicos de Bom Jardim (Agroflor)

é uma Associação Civil sem fins econômicos, composta por uma coordenação que são: Coordenador Geral; Coordenador Financeiro e Coordenador Secretário e com sede em Bom Jardim, Pernambuco. A entidade foi fundada por agricultores e agricultoras que desenvolvem trabalho em agroecologia no dia 1 de Março de 1997. A Agroflor atua em quinze comunidades do município de Bom Jardim.

O trabalho da entidade tem por objetivo promover a segurança alimentar e nutricional, a defender, preservar e conservar o meio ambiente, através da promoção do desenvolvimento agroecológico e o combate a pobreza.

O foco principal do seu trabalho é a Agricultura Agroflorestal, Beneficiamento e Comercialização da produção. Ela também tem outras linhas de ação: Fortalecimento Institucional, Protagonismo Infante-Juvenil, Saúde alimentação e Água, Fundo Rotativo, Parceria com o Poder Público Municipal. O trabalho é desenvolvido pela coordenação da entidade, agricultores(as) e técnicos(as).





**SABIA - Centro de Desenvolvimento
Agroecológico**

Rua do Sossego, Nº 355,

Bairro de Santo Amaro, Recife - PE

CEP: 50.050-080

Telefone: (81) 3223-7026 e 3223-3323

Fax: (81) 3223/7026 e 3223/3323

www.centrosabia.org.br

Coordenação Geral

José Aldo dos Santos

sabia@centrosabia.org.br

PDA - Projetos Demonstrativos

W3 Sul, Qd. 514, Bl. B, Lj. 69,

2º andar, s/ 203

Brasília - DF

CEP: 70380-515

Telefone: 61 4009-9265

Fax: 61 4009-9271

www.mma.gov.br



Ministério do
Meio Ambiente



Apoio:

